



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
POLO UNIVERSITÁRIO DE ACARÁ

JOICY CARDOSO DA SILVA

**NARRATIVAS DE ESCOLARIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS FAMILIARES E
ESCOLARES DE UMA JOVEM TRANSEXUAL**

**Acará- Pará
2019**

JOICY CARDOSO DA SILVA

**NARRATIVAS DE ESCOLARIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS FAMILIARES E
ESCOLARES DE UMA JOVEM TRANSEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício.

**Acará – Pará
2019**

JOICY CARDOSO DA SILVA

**NARRATIVAS DE ESCOLARIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS FAMILIARES E
ESCOLARES DE UMA JOVEM TRANSEXUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Vilma Nonato de Brício
Orientadora - UFPA

Prof.^a Sandra Karina Barbosa Mendes

Examinador -

Dedico este trabalho aos meus queridos pais José Maria Oliveira da Silva e Rosimeiry Cardoso da Silva que não mediram esforços para proporcionar uma educação de qualidade para mim e meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu maravilhoso Deus que sempre me protegeu, me iluminou, me deu saúde e me guiou nesta caminhada árdua e sempre me deu força para não desistir desse sonho que não era somente meu.

A minha amada mãe Rosimeiry Cardoso da Silva, por sempre estar do meu lado, me apoiando e cuidando de mim, agradeço por todo carinho, paciência e dedicação para que eu conseguisse chegar ao final dessa etapa, sem sua garra e determinação eu não teria conseguido.

Ao meu amado pai José Maria Oliveira da Silva, que sempre trabalhou incansavelmente para nos criar e oferecer o suporte necessário durante esses quatro anos e meio, agradeço por todo o apoio, compreensão, carinho e dedicação e por sempre cuidar de mim, sem seu incentivo e sua luta eu não seria nada.

Sempre serei grata a Deus pelos maravilhosos e mais incríveis pais que me deu, pois, minha mãe deixou de realizar o seu sonho de cursar uma faculdade para realizar os nossos sonhos, e mesmo diante dos percalços, sempre batalhou para nos dar as condições necessárias para chegar a este momento. Meu pai que sempre nos incentivou a estudar, sempre nos apoiou junto de minha mãe nas noites em claro para alcançar este objetivo. Com todo o meu amor e carinho, sinto-me honrada por ser filha de vocês.

Aos meus irmãos Célio de Lima Cardoso, Renato Cardoso da Silva, Rodrigo Cardoso da Silva e Reynaldo Cardoso da Silva por todo apoio, incentivo e por estarem dispostos em todas as vezes que precisei.

Aos meus avós, em especial a minha avó Faustina de Lima Cardoso que sempre me incentivou e me ajudou quando careci, e nunca deixou de pedir a Deus que me abençoasse.

As minhas amigas e irmãs de curso Alycelene de Souza, Simone Braga, Helanda Reis e Thaísle Souza que nunca deixaram de me apoiar e comemorar as minhas conquistas, agradeço pelos conselhos e por sempre segurarem minhas mãos nos momentos difíceis, juntas formamos o 'Elite' e jamais quero desfazê-lo, pois estão para sempre em meu coração.

Em especial aos meus amigos Wellington Neres por sempre me socorrer antes e durante a construção desse projeto; Thaísle Souza que por inúmeras vezes me aconselhou, me apoiou e nunca me deixou desanimar; e ao meu querido Fellipe Paiva que sempre esteve do meu lado nos momentos bons e ruins, agradeço por todos os conselhos e toda a ajuda para

finalizar este projeto, sua parceria durante esses quatro anos foi fundamental para minha formação.

Aos meus professores do ensino fundamental, médio e superior que sempre nos incentivaram, nos apoiaram e contribuíram para a nossa formação acadêmica, pessoal e profissional enquanto educadores.

A minha orientadora Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício por todo o conhecimento que me proporcionou, pela disponibilidade em me guiar neste projeto, e não somente na vida acadêmica, mas como um exemplo em minha vida pessoal, como mulher guerreira, batalhadora, mãe dedicada e maravilhosa, professora e resistente em prol de uma educação pública de qualidade. Agradeço-lhe imensamente.

Sentimentos, desejos e angústias. Minha vida inteira eu fui criada como menino, aprendendo que há coisas masculinas e coisas femininas, papéis sociais diferentes que devem ser seguidos, que os comportamentos devem ser diferentes, as brincadeiras diferentes, os modos de falar, andar e vestir devem ser diferentes. Mas nada disso fazia sentido pra mim, tudo parecia estranho. Com a família, sempre foi tudo muito complicado. Desde quando me entendo por gente, a relação com meus pais foi difícil, porque depois dos meus sete anos de idade a feminilidade começou a aflorar em mim, por todos os meus poros, e começaram as cobranças. Me diziam: senta como homem, come que nem homem, caminha que nem homem, fala que nem homem... e eu não conseguia, porque eu não estava falando como mulher. Eu estava sendo como eu era!

Na escola também não era diferente. A escola deveria ser um lugar onde você aprende a ser livre, a vencer obstáculos, a viver em paz. Mas sabem o que existe na escola? [*escrevendo com giz*] ÓDIO, SOLIDÃO, MEDO, EXCLUSÃO. Essas são disciplinas que não estão registradas no currículo, mas que você é obrigado a fazer. Sabe o que me dava mais raiva? BANHEIRO. No feminino eu não podia entrar, do masculino eu tinha nojo. Então passava a manhã inteira sem poder fazer xixi, só urinava quando chegava em casa. Mesmo assim, terminei o primeiro e o segundo grau, além de cursar uma faculdade. Faculdade! Um lugar mais aberto e cheio de mentes livres.... Não foi muito diferente, não. Na sala de aula eu era chamada pelo nome de homem, mesmo já estando vestida de mulher, já tendo assumido minha feminilidade. Os professores insistiam em me chamar pelo nome de homem. Então, joguei tudo para o ar, mandei a faculdade para “a puta que pariu!” e fui trabalhar na noite. Fui pra batalha. Me assumi feminina, passei a tomar hormônios, deixei os peitinhos crescerem, cabelos curtos crescendo, roupas femininas... eu precisava assumir meu nome: Gisele. Adeus ao meu lado masculino! Bem-vinda ao feminino!

(PEREIRA, 2017, p. 35-36).

RESUMO

Este trabalho que tem como título “Narrativas de escolarização: experiências familiares e escolares de uma jovem transexual” buscou responder os seguintes questionamentos: Como se deu o processo da experiência transexual no contexto familiar durante a infância e adolescência da jovem trans¹? E quais foram às experiências vivenciadas pela aluna transexual durante o seu processo de escolarização? Com isso, objetivou-se levantar reflexões em torno das experiências vivenciadas da infância até a adolescência da jovem transexual, evidenciando o contexto familiar e escolar. Para dar encaminhamento, optou-se como metodologia a abordagem pós-crítica e análise do discurso para dar embasamento a esta pesquisa, tendo como instrumento de coleta de dados a técnica da entrevista narrativa semiestruturada que foi realizada a partir das narrativas da jovem transexual Evelyn Sofhia, que ao nascer foi designada com o gênero masculino, como homem, mas se identifica e se considera uma mulher. A pesquisa tem como referencial teórico: Scott (1995), Louro (1997), Bento (2008), Foucault (1988), Coutinho Jorge e Travassos (2018). Os resultados alcançados mostram que é necessário ampliar o debate acerca do tema aqui abordado, a transexualidade. A partir das análises das narrativas da entrevistada, percebemos que ainda é preciso lutar e resistir diante de uma sociedade que em sua maioria pratica violência física e psicológica contra pessoas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascer. De acordo com as narrativas da aluna, notamos que tanto a comunidade escolar quanto a família e a sociedade precisam de formação quanto as questões de gênero e sexualidade, bem como reflexões sobre a identidade transexual. Essa discussão se torna necessária diante das inúmeras dificuldades de reconhecimento da identidade transexual perante a esse sistema padronizado, heteronormativo e de relações de dominação historicamente pré-estabelecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Sexualidade. Transexualidade. Educação.

¹ Forma reduzida da palavra transexual.

ABSTRACT

This work, entitled “school narratives: family and school experiences of a transexual youth”, sought to answer the following questions: How did the process of transsexual experience take place in the family context during the childhood and adolescence of the young trans? And what were the experiences lived by the trans student during her schooling process? Thus, the objective was to raise reflections on the experiences lived from childhood to adolescence of the young transsexual, highlighting the family and school context. To provide referral, the post-critical approach and discourse analysis was chosen as a methodology to support this research, using as a data collection instrument the semi-structured narrative interview technique that was performed from the narratives of the young transgender Evelyn Sofhia, who at birth was designated male as male, but identifies and considers herself a woman. The research has as theoretical reference; Scott (1995), Louro (1997), Bento (2008), Foucault (1988), Coutinho Jorge and Travassos (2018). The results show that it is necessary to broaden the debate on the theme addressed here, transsexuality. From the analysis of the interviewee's narratives, it is clear that it is still necessary to fight and resist before a society that mostly practices physical and psychological violence against people who do not identify with the gender attributed at birth. According to the student's narratives, it was noted that both the school community, the family and society need training as well as gender and sexuality issues, as well as reflections on transsexual identity. This discussion becomes necessary in view of the numerous difficulties in recognizing transsexual identity in the face of this standardized, heteronormative system and historically pre-established relations of domination.

Key words: Genre. Sexuality. Transsexuality. Education.

LISTA DE SIGLAS

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais

LGBTTI - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexos

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

1 INSERÇÃO NOS CAMINHOS DA PESQUISA.....	11
2 TRANSEXUALIDADE E NARRATIVAS: TERRITÓRIOS DA PESQUISA.....	19
2.1 Transexualidade: território histórico e conceitual.....	19
2.2 Território narrativo: cenas do contexto da pesquisa.....	26
2.3 Territórios de transição: a experiência transexual na infância e adolescência.....	31
2.4 “A minha família ainda me chama de ‘ele’”: território familiar.....	34
3 NARRATIVAS DE ESCOLARIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE UMA JOVEM TRANSEXUAL.....	38
3.1 “Olha tu me respeita! ”: entre controles e resistências na escola.....	38
3.2 “O meu maior sonho é dar uma vida boa pra minha família”: sonhos e desejos de uma jovem transexual.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NÃO ERA PRA EXISTIR O PRECONCEITO, MAS POR ISSO PRECISA DAS LEIS”.....	50
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE A.....	57
APÊNDICE B.....	58

1 INSERÇÃO NOS CAMINHOS DA PESQUISA

Sujeitos transexuais estão presentes na sociedade em diferentes espaços, como nas escolas, nas praças, locais de trabalho, e em diversos outros lugares. É quase impossível que não se tenha nesses lugares uma pessoa que se identifique como trans² ou algum outro segmento diferenciado do padrão culturalmente preestabelecido.

Existe multiplicidades de sexualidades visíveis na sociedade, diante deste fato, é preciso entender as diferenciações de uma para outra, pois todas são dignas de respeito, mesmo que essas outras expressões de sexualidades sejam diferentes daquelas que são esperadas por essa sociedade majoritariamente heterossexual, branca, tradicionalista e excludente.

Diante de inúmeros casos de violência verbal e física contra a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), observamos a importância de se ter políticas públicas que amenizem as desigualdades e divergências existentes na sociedade e no Brasil como um todo. As identidades de gênero e sexualidade possibilitam um debate social, político, educacional e cultural, pois a partir de uma perspectiva crítica desconstruem conceitos conservadores que há muitos anos são vistos como verdades absolutas. No âmbito educacional o currículo escolar pode abordar de diversas formas as questões relacionadas a gênero e sexualidade.

Como assinala Joan Scott (1995), o gênero se constitui de um processo de construção das relações entre homens e mulheres, assim como indica as “construções culturais” que são ideias criadas socialmente sobre o papel de homens e mulheres.

A transexualidade ganhou notoriedade no contexto atual, assim como as questões de gênero e sexualidade, que estão relacionadas entre si. As pesquisas na área da educação sobre gênero e sexualidade tem ganhado algum espaço no meio acadêmico, entretanto, notamos que as pesquisas sobre transexualidade ainda são insipientes em nossa região, especialmente na cidade de Acará- Pará, sobretudo em se tratando das experiências de jovens transexuais e o processo de escolarização essa questão se torna um tabu quando se tem a necessidade de abordá-la no contexto escolar e social, sendo necessário que os educadores façam reflexões acerca dessa temática. Experiências essas marcadas por situações vexatórias principalmente na escola, lugar este que deveria ser acolhedor, mas que vem afastando jovens que estão em dúvida sobre sua identidade, com isso o processo de escolarização é prejudicado a partir de

² *Trans* pode ser (gramaticalmente) um prefixo que significa “além de”, “através de” ou “próximo”.

comentários vindo dos próprios colegas de turma, muitas vezes diante do silenciamento do próprio professor.

Com a transexualidade ganhando aos poucos mais espaço, mais discussões acerca dessa temática tem surgido, pois a mídia, mesmo que em muitos casos tenha sido essencial para expandir o tema e oferecer conhecimento e entendimento a população, ao mesmo tempo tem aproveitado as oportunidades de lucrar com o assunto que invadiu a vida social das pessoas, provocando indagações, dúvidas, críticas e tantos outros incômodos diante da orientação sexual e identidade de gênero de alguém.

Nos campos de estudos sobre gênero e sexualidade, é importante inserir no currículo escolar essas questões, bem como a orientação sexual como temas transversais para trabalhar as diferenças e superar ou tentar amenizar as desigualdades existentes dentro da escola, focando a transformação de uma sociedade e a formação do conhecimento como forma de resistência das pessoas transexuais.

Abordar essas questões é um compromisso que traz muita responsabilidade para o profissional da educação, comprometer-se com o fazer de um novo currículo onde se trabalha também a identidade do/a aluno/a e as suas especificidades, requer principalmente do professor/a coragem, força e resistência para encontrar formas de minimizar essas desigualdades e preconceitos que nos cercam dia após dia, diminuindo as discriminações com pessoas LGBTs, em especial os/as transexuais.

Na maioria das vezes, as crianças e adolescentes que tentam lutar por reconhecimento e respeito pela sua identidade acabam sofrendo violência física, verbal ou os dois, e isso, geralmente acontece também no âmbito escolar, que por vezes são excludentes com alunos LGBTs por não seguirem os padrões impostos por esta sociedade, diferente da perspectiva heteronormativa, onde as pessoas heterossexuais não precisam lutar pelo reconhecimento de sua identidade, pois vivem uma perspectiva patriarcal e padronizada.

Sabemos que a escola é um espaço onde se evidenciam múltiplas identidades e subjetividades construídas a partir de diversas culturas, logo, trabalhar para que este lugar seja harmonioso e respeitoso é um desafio onde o educador precisa ter ‘jogo de cintura’ para enfrentar as dificuldades e divergências presentes no cotidiano. O/a professor/a é um sujeito muito importante no processo de ensino-aprendizagem do aluno/a, para tanto, é necessário que este seja formado e instrumentalizado para explicar determinado assunto, neste caso, especificamente, a transexualidade.

Este projeto surgiu a partir do conhecimento que obtive com algumas palestras, aulas e explicações de professores sobre as questões de gênero e sexualidade. Imediatamente passou

a existir um interesse de pesquisar algo sobre o tema. Sabemos que ainda existem muitas desigualdades e preconceitos relacionados a gênero e sexualidade, assim, é necessário promover uma reflexão e um debate dentro do âmbito escolar, principalmente entre alunos/as e professores/as.

As diferenças e desigualdades são problemas constantes dentro de vários setores, em diversos casos podemos constatar que isso ocorre por conta da sexualidade das pessoas, causando desigualdades e preconceitos, por exemplo, no setor administrativo, no setor policial e até mesmo dentro da categoria de professores/as, entre outros. A partir das diversas leituras realizadas percebemos o quão importante é discutirmos sobre gênero e sexualidade que estão presentes em todos os espaços escolares. Consequentemente, refletimos sobre as situações ocorrentes no município de Acará, e pudemos perceber que o assunto ‘transexualidade’ ainda é bastante segregado no ambiente escolar e social.

A partir do momento que buscamos assumir um compromisso com a educação brasileira, percebemos a importância deste estudo para a minha formação profissional como futura pedagoga. Observando a sociedade atualmente, identificamos uma grande lacuna na educação que precisa ser preenchida, falar de gênero e sexualidade em especial a transexualidade na escola, ou em qualquer lugar é tomar para si uma grande responsabilidade e para isso precisamos pesquisar e estudar para então informar as pessoas, especificamente nós educadores e futuros educadores; visto que a temática é complexa, e muitas pessoas ainda possuem muitas dúvidas ou apenas não se permitem compreender a importância de respeitar a liberdade de expressão das pessoas, assim como a identidade ou orientação sexual de alguém, com isso o discurso de ódio e discriminação vem ganhando força a cada dia, invisibilizando as pessoas que não se enquadram no binarismo de gênero.

Para tanto, a relevância deste trabalho no meu processo de desenvolvimento é essencial, uma vez que as questões de gênero e sexualidade dentro da educação de forma bem esclarecida é uma das formas principais de aprendizagem, como também a prática pedagógica do professor pode ajudar a desconstruir falsas teorias e isso implica diretamente em uma educação reflexiva.

Tanto em minha vida pessoal quanto em minha formação acadêmica, percebo o quanto precisamos ser conhecedores de tais assuntos, justamente para debater e refletir sobre gênero e sexualidade e vários outros temas dentro de sala de aula e também fora da escola. De acordo com Jane Felipe (2007, p.86), “é fundamental continuar incentivando a implementação de linhas de pesquisa no âmbito das universidades e uma maior atenção por parte das agências financiadoras de pesquisa a esses temas”.

Minha vontade com esta pesquisa é aprofundar meus conhecimentos no campo de gênero e sexualidade, assim contribuindo com minha formação, a partir do aprendizado que adquirimos no decorrer do curso com a teoria e a prática que são importantes para a formação acadêmica e construção da profissão de todo e qualquer educador. Precisamos ter um olhar mais crítico, reflexivo e permanente diante das diversidades que ocorrem na relação entre educação e as transgeneridades para tentar reverter todo e qualquer tipo de preconceito.

Conforme as diversas situações de dificuldades e problemas sobre gênero e sexualidade na sociedade, mais especificamente a educação no município de Acará, é possível perceber que os casos de preconceitos e indiferenças ainda estão presentes no âmbito escolar. Por este fato precisamos promover um debate acerca do tema e refletir a partir dos PCNs como no currículo escolar as questões de gênero e sexualidade são discutidas e se há a possibilidade de inclui-las como possíveis temas transversais, bem como a transexualidade, trazendo também a própria comunidade para junto da escola, é preciso que a família esteja lado a lado com as instituições. Considero importante levar este estudo para a realidade do município, para que as pessoas se atentem a problemática na educação acaraense e na dificuldade de se discutir essas questões nas escolas para que se tornem mais presentes em todas as áreas de pesquisa mostrando a grandeza deste tema.

Pretendo contribuir com a educação do município para que todos os estudantes possam ter conhecimento sobre a importância de falar de gênero e sexualidade, principalmente para que docentes e gestores tenham ciência de que se precisamos expandir o conhecimento e proporcionar um ensino-aprendizagem de qualidade, tendo em mente que como educadores nosso objetivo é formar pensadores críticos, além de promover o respeito para com as pessoas transexuais.

Diante das situações apresentadas neste projeto, fica evidente a importância deste estudo para promover uma educação reflexiva e que problematize mais a temática da transexualidade que é o foco do trabalho. Assim, caracterizando e identificando como os professores agem frente às questões de gênero e sexualidade e como o debate dentro da escola é importante do mesmo modo que a participação dos pais neste processo de aprendizagem.

O gênero ainda é bastante confundido com o sexo, mas, o gênero é bem mais que isso, é uma construção cultural e histórica, não é somente uma questão biológica. Segundo Beauvoir (1980): “Ninguém nasce mulher. Torna-se mulher”. Portanto, percebemos que não é o sexo que determina nossos comportamentos e sim as construções culturais e históricas da nossa sociedade. Justamente para questionar as relações de poder existentes entre homens e

mulheres foi adotado o conceito de gênero, com o intuito de buscar uma sociedade mais igualitária, sem diversidades e sem disputa de superioridade.

Diante das análises apresentadas nesta pesquisa, esperamos que surjam reflexões de como as questões relacionadas a gênero e sexualidade estão postas no currículo escolar e como os professores enfrentam tais questões. Compreendemos que o currículo deveria trabalhar as questões de gênero para desfazer ou minimizar as desigualdades e preconceitos ainda presentes na sociedade, e, conseqüentemente dentro do âmbito escolar. Ao mesmo tempo em que se precisa abordar tal temática, é necessário que os profissionais da educação estejam mais preparados para tentar uma possível mudança de pensamentos e comportamentos.

Durante o processo de formação identificamos que poucas vezes discutimos gênero e sexualidade em sala de aula e com isso alguns conceitos equivocados surgem, prejudicando o entendimento dos alunos e aumentando a falta de saber para enfrentar determinadas situações do cotidiano.

Portanto, buscamos informações com o intuito de responder as seguintes indagações: Como se deu o processo da experiência transexual no contexto familiar durante a infância e adolescência da jovem trans? E quais foram às experiências vivenciadas pela aluna trans durante o seu processo de escolarização? Diante disso, o trabalho traz como objetivo central “Levantar reflexões em torno das experiências vivenciadas da infância até a juventude de uma jovem transexual, com ênfase na família e escola”. E aborda como objetivos específicos refletir sobre o processo da experiência transexual no contexto familiar durante a infância e adolescência da jovem trans e analisar o processo da experiência transexual dentro do ambiente escolar dessa jovem e refletir sobre o processo de escolarização da mesma.

É necessário que a partir do conhecimento adquirido na escola, as crianças e adolescentes possam refletir sobre essas questões plurais e diversas que fazem parte da vida dos estudantes, pois querendo ou não, a escola é um dos principais espaços onde essas identidades de gênero e sexuais são manifestadas, com isso a escola tem o papel de fortalecer o respeito, a igualdade e a democracia.

Com as características indicadas no decorrer desta pesquisa utilizamos a abordagem pós-crítica para dar embasamento a pesquisa. De acordo com Silva (1998), as pesquisas pós-críticas estão ligadas aos problemas existentes no âmbito educacional e que são vivenciados pelos profissionais da educação. Analisando os diferentes modos e formas de como os sujeitos indicam suas subjetividades para alcançar uma atuação mais liberta na sociedade.

Paraíso (2004, p. 293), sobre as pesquisas pós-críticas afirma que “Trata-se de pesquisas que explicitam os processos pelos quais as verdades são produzidas, os saberes inventados, os conhecimentos construídos”. Segundo a autora, precisamos questionar certos tipos de conhecimentos, certos sujeitos e certos valores para problematizar e investigar o que é considerado verdade que são postas e construídas dentro do campo da pesquisa.

Ao se constituir uma pesquisa se faz presente à ciência, Rosa Fischer (2003) destaca que para isso é preciso aprender o exercício da dúvida sobre enunciados imbricados em nossas relações e em nossas crenças que com o passar dos anos foram se firmando e se naturalizando como verdades acabadas, o que com o tempo se torna difícil desfazê-la.

A pesquisa nos permite produzir e compreender informações sobre um determinado assunto, tais técnicas como a entrevista, por exemplo, começaram a se desenvolver a partir do final do século XIX, desde então se tornou constante a sua utilização. Para tanto, é necessário levantar dados e informações, fazer pesquisa bibliográfica justamente para ter conhecimento do seu objeto de pesquisa.

Para a coleta de informações, se fez uso da técnica da entrevista para obter as narrativas necessárias sobre o tema para a realização deste projeto. Percebemos o quanto a entrevista vem sendo utilizada nas pesquisas dos graduandos e pós-graduandos, pois, nos permite obter inúmeras informações para construir e enriquecer toda e qualquer pesquisa. De acordo com Rosa e Arnoldi (2006, p.17), a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos.

É importante saber que a entrevista possui limitações que podem fazer com que a pesquisa não seja tão produtiva. Escolher qualquer pessoa para responder as perguntas do entrevistador, pessoas com falta de empolgação sobre o tema pesquisado, fazer perguntas desconexas fazem com que a técnica apresente certas desvantagens.

Para a realização de uma entrevista é necessário que o entrevistador esteja preparado para conduzir todo o processo da técnica. Rosa e Arnoldi (2006, p. 81), explicam que todo pesquisador/entrevistador, antes da iniciação no árduo trabalho de coleta de dados por intermédio da entrevista, deve questionar-se sobre os seus conhecimentos científicos.

Portanto, a técnica da entrevista é um meio que nos traz uma grande vantagem quando se fala em tempo e eficiência, para realizar qualquer técnica de pesquisa temos que estar devidamente preparados, caso aconteça algum imprevisto o pesquisador conseguirá solucionar o problema.

Optamos pela entrevista narrativa, para ter acesso às narrativas de uma jovem transexual e sua experiência de escolarização, considerando que “As narrativas são assumidas como relatos em meio aos quais, através da linguagem, os sujeitos significam a si próprios e a suas práticas e experiências nomeadas, definidas e relatadas” (SILVA, 2008, p. 02).

Como a transexualidade é vivida em demasia singularidade, precisamos debater sobre este assunto nos âmbitos sociais e escolares, pois é de extrema necessidade e urgência provocar na sociedade em geral reflexões de acordo com o que se tem visto nos telejornais e também pessoalmente, casos de violência física e psicológica que já vitimou muitas pessoas transexuais ao longo desses anos, casos de puro preconceito e desrespeito sobre a escolha da identidade que é única exclusiva da pessoa trans.

Com a entrevista, obtivemos a narrativa de uma aluna transexual que convive com esses atos discriminatórios, que luta e resiste diante dos percalços que surgem nesta sociedade. As narrativas dessa jovem nos ajudaram a realizar uma análise crítica com suporte teórico de alguns autores, tais como: Scott (1995), Louro (1997), Bento (2008), Foucault (1988), Coutinho Jorge e Travassos (2018) entre outros.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevista com apenas uma pessoa, uma jovem aluna que se identifica como transexual que experimentou a escolarização no Município de Acará/PA. Após o convite e obtenção do aceite por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), agendei as entrevistas em Acará, respeitando a sua disponibilidade. Estas foram gravadas em celular, e posteriormente transcritas para análise. A jovem Sofhia como é conhecida hoje, se mostrou muito empolgada para colaborar com a pesquisa a ser realizada e a partir de então pude iniciar as análises de acordo com suas narrativas de vida.

No decorrer deste trabalho de pesquisa todos os conceitos abordados serão essenciais para embasar as narrativas que circulam nesse texto, a partir dos relatos expostos pela jovem transexual, consideramos uma série de acontecimentos que fazem parte de sua trajetória escolar, ponderando as mudanças e as diferenças dos estados iniciais em decorrência das transformações presentes na história da jovem trans.

A partir dos objetivos indicados neste projeto faremos a análise pautada em alguns conceitos a partir de Foucault, como relações de saber-poder, discurso e narrativa para buscar formas de compreender as informações coletadas. Para Foucault (1969, p. 146), "um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva".

Foucault (1969), diz que os discursos não estão ligados por nenhum tipo de sistema, contudo, os discursos não podem ser deixados de lado, logo é necessário que haja uma análise. Nessa análise se faz necessária à criação de algumas regras, tais regras são chamadas por Foucault de “regras de formação”, onde possibilitam a determinação dos elementos que compõem o discurso. A partir disso temos como fazer a análise desse conjunto que apresentam uma relação entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias, ou seja, basicamente essa é a formação para se fazer uma análise do discurso.

A análise do discurso é um tipo de pesquisa que descreve múltiplos diálogos, analisando a pesquisa a partir dos discursos compreendidos durante uma existência histórica, tudo isso acaba despertando uma inquietação nos pesquisadores, por este fato os estudiosos do discurso analisam as condições de produção que são dadas em um determinado momento. No discurso é importante compreender os sentidos que são produzidos na sociedade tanto os sujeitos quanto à linguagem e a história.

No primeiro capítulo, abordaremos o campo conceitual de gênero, sexualidade e transexualidade especificamente. Faremos uma breve reflexão acerca das narrativas da jovem e com base no referencial teórico analisaremos de que forma se deu o seu processo da experiência transexual no contexto familiar durante a infância e adolescência, apresentando a respectiva jovem transexual Sofhia, ponderando partes de suas narrativas para refletir diante de suas experimentações na sociedade em que vive.

No segundo capítulo, buscamos refletir em torno do processo de escolarização da jovem transexual, suas experiências vivenciadas dentro do ambiente escolar e como foi/é a relação entre a aluna e a comunidade escolar pela qual a jovem transexual transitou e quais os pontos contribuíram ou não para o seu processo de desenvolvimento educacional, pessoal e profissional que estão imbricadas a vida de uma estudante que se identifica como transexual, refletindo como se deu essas relações sócio-pedagógicas que afetaram positivamente ou negativamente, seu processo de ensino-aprendizagem na escola, no contexto familiar e social diante do seu relato pessoal.

2 TRANSEXUALIDADE E NARRATIVAS: TERRITÓRIOS DA PESQUISA

Neste capítulo daremos destaque à parte histórica e conceitual sobre gênero, sexualidade, corpo, homossexualidade e destacando a transexualidade como foco central desta pesquisa, logo em seguida discorrerá sobre o território, o contexto e o sujeito da pesquisa, apresentando recortes da narrativa de vida da estudante Sofhia, discutiremos também a experiência da transexualidade na infância e adolescência da jovem transexual, bem como o âmbito familiar e para isso apresento alguns fragmentos de suas narrativas refletindo acerca de suas vivências construídas com corpo transexual.

2.1 Transexualidade: território histórico e conceitual

Para problematizar a transexualidade é preciso compreender os conceitos de gênero, sexualidade e corpo os quais estão entrelaçados, mas não se constituem um sistema corpo-sexo-gênero. A transexualidade desconstrói o sistema corpo-sexo-gênero, ao romper com uma suposta linearidade natural e biológica.

Durante muito tempo as desigualdades entre homens e mulheres vêm causando determinados preconceitos entre ambos. É importante ressaltar que abordar as questões de gênero desconstrói alguns conceitos ditos como verdades absolutas há muito tempo enraizadas em nossa sociedade.

Joan Scott (1995), uma das principais pesquisadoras no campo conceitua gênero como:

O núcleo da definição que repousa numa conexão integral entre duas proposições: o gênero é um *elemento constitutivo de relações sociais* baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é uma forma primária de dar *significado às* relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).
Grifos da autora.

As duas proposições mostram que gênero se constitui de um processo de construção das relações entre homens e mulheres, destacando a importância da análise nesta área, como também uma compreensão da temática dentro desse campo de estudo.

É importante pontuar a diferença entre gênero e sexualidade, já que muitas pessoas ainda confundem seus conceitos, pelo fato de que o assunto ainda é pouco discutido no ambiente escolar. Como gênero foi conceituado mais acima, ponderamos agora sexualidade. Desse modo, Michel Foucault (1988) afirma que:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 116–117).

A sexualidade emergiu como mecanismo de controle do corpo e de seus prazeres que utiliza diferentes saberes e põe em ação relações de poder e práticas de resistências. Muitas vezes as pessoas confundem o conceito de sexualidade com o de sexo propriamente dito. Mas, é importante mostrar que um não necessariamente precisa vir acompanhado do outro. Falar sobre sexualidade no espaço escolar está se tornando cada vez mais indispensável para a discussão e construção das identidades de adolescentes e jovens. Para tanto, podemos ressaltar que;

Essa presença da sexualidade [na escola] independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir" (LOURO, 1997, p. 81).

Contudo, a sexualidade faz parte de nossas vidas e está presente na sociedade, nas diferentes instituições, não se pode simplesmente deixar de lado um assunto que cada vez mais se mostra tão importante quanto qualquer outro tema educacional, o que vem chamando atenção desde os debates sobre o movimento feminista que também impulsionou as pesquisas nesta área.

A história do movimento feminista vem ganhando mais visibilidade com o passar do tempo e os movimentos ganham força a cada dia. Tanto no meio acadêmico quanto em outros espaços percebemos que hoje muitas pessoas buscam promover uma igualdade de gênero, assim como a luta da comunidade LGBT, com isso, se constata a importância de políticas públicas para amenizar as desigualdades e divergências existentes na sociedade. A partir das lutas enfrentadas pelas mulheres para que fossem reconhecidas suas ações em prol de seus direitos, notamos o quanto todas essas conquistas conseguidas por nossas antepassadas trazem uma tentativa de inclusão não só para as mulheres, como também para a população LGBT. Tentativa, pois ainda muito se luta para tentar assegurar os direitos que conseguimos e nem tanto para conseguir novos, já que a sociedade parece retroceder.

Diante do atual contexto político e social, projetos, leis e várias outras conquistas estão perdendo seu valor, por exemplo, o movimento LGBT tem sofrido a cada dia com discriminações que chegam a violência física e morte, bem mais do que antes, mesmo tendo

em lei a garantia do respeito e da dignidade humana das pessoas LGBTs. A liberdade de crença, o direito das mulheres, liberdade de expressão, todos esses aspectos estão ameaçados por este governo que tenta de todas as formas cercear as conquistas e experiências que se tem conseguido com tanta luta e resistências, especialmente pelos movimentos representativos das classes minoritárias.

No Brasil, as discussões sobre gênero tiveram início a partir dos anos 60 e 70, os movimentos feministas junto aos movimentos da população LGBT trouxeram o levantamento do debate seguido de uma reflexão sobre as relações de poder existentes entre os gêneros, nessa relação o gênero masculino até os dias atuais ainda é considerado predominante e exerce uma preponderância ao gênero feminino, mesmo com muitas lutas por parte das mulheres para que haja igualdade entre os gêneros.

O movimento feminista se pauta em uma atuação política de enfrentamento às opressões vividas pelas mulheres, aliado ao movimento LGBTTI (lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos) ampliando o debate nacional, problematizando a respeito das relações sociais, econômicas, políticas, culturais, sexuais e de gêneros. Essa aliança é estabelecida por uma luta comum contra as opressões sexuais e de gênero, a lesbofobia, homofobia e transfobia, buscando minimizar ou erradicar a dominação heterossexista e falocêntrica (PERES, 2012, p. 46).

O feminismo adquiriu uma visibilidade maior com o passar do tempo, pois, várias mulheres de outros países se juntaram a esse movimento e conheceram os objetivos voltados aos seus próprios direitos. Esses movimentos trazem diversas problemáticas que precisam ser discutidas dentro do âmbito escolar, são fatos importantes que há muitos anos chamam atenção por constantemente vir à tona casos de opressão contra mulheres, lésbicas, *gays*, bissexuais, intersexuais, transexuais e travestis. Com a luta para ter acesso a diferentes profissões e oportunidades de estudo, essas agitações ao quais as mulheres também fazem parte, tiveram melhor desempenho com o chamado sufragismo que ficou conhecido como a “primeira onda” do feminismo, pois era o movimento voltado para conseguir o direito do voto para as mulheres.

As mulheres deixaram de ser “invisíveis” na sociedade a partir do movimento feminista, transformando e amplificando seus propósitos. Anteriormente as feministas defendiam apenas o direito das mulheres, com o tempo passaram a utilizar o termo “gênero” que passa a se referir também aos homens, já que as relações sociais se constroem entre os sujeitos.

As questões concernentes a corpo, gênero e sexualidade se complexificam quando questionamos sua suposta coerência. Segundo Costa e Bittencourt (2018) de acordo com Butler (2015) a ordem compulsória que é uma falsa noção de estabilidade, no qual seria um padrão binário, apenas dois sexos, o masculino e o feminino; estaria então seguindo uma lógica puramente heterossexual excluindo e inferiorizando as diversas outras orientações sexuais (Heterossexual, bissexual, homossexual, liberado, trans, pansexual etc.).

Essas múltiplas manifestações de sexualidades surgem para problematizar e questionar essa “estabilidade” e desconstruir esse padrão coerente preestabelecido. Quando se questiona sua própria identidade, seu sexo biológico e sua sexualidade esses indivíduos passam a sofrer discriminações, mas de acordo com Butler (2015) citado por Costa e Bittencourt (2018) o gênero não necessariamente precisa ser estabelecido a partir do sexo de nascimento, pois o sexo, a identidade de gênero e a orientação sexual são campos diferentes, com expressões diferenciadas.

O movimento LGBT de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) sofre com as inúmeras formas de violência que transitam nas mais diversas sociedades, mesmo com as discriminações e preconceito que perpassam na vida dessas pessoas a luta por reconhecimento é assídua e, atualmente ganhou mais força e visibilidade com a constante representatividade que a comunidade vem lutando para construir ao redor do mundo. Bem como as pessoas transexuais que buscam acima de tudo o reconhecimento de sua identidade.

Para Mônica e Nívia (2018, p. 74), as pessoas *trans* “inclui aqueles que se identificam com algum gênero diferente com o designado no seu nascimento, e criam normas para a construção de suas identidades e subjetividades”. O binarismo de gênero homem/mulher e/ou masculino/feminino historicamente faz predominar a heterossexualidade como um dado natural, daí então passou a existir o termo transgênero que se ramifica em travesti e transexual. A não conformidade com o gênero denominada ao nascer, origina a existência do termo transgeneridade, que denomina o segmento trans.

Mesmo com o aumento dessa visibilidade a população trans ainda sofre preconceito e violência física ou psicológica, principalmente por conta dessa sociedade ainda seguir condutas e normas hierárquicas e visivelmente excludentes.

Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos reforçam que o termo Transgênero “é utilizado para fazer referência às pessoas que, apesar do sexo de nascimento, não se reconhecem na identidade de gênero correspondente” (2018, p. 59).

O termo transgeneridade engloba as pessoas que não se identificam com o gênero de origem denominado ao nascimento, seja masculino/menino ou feminino/menina, podemos

dizer que há um conflito no reconhecimento de identidade de gênero. Com isso, se identificam duas categorias que estão imbricadas ao ser transgênero, a travestilidade e transexualidade.

Segundo Coutinho Jorge e Travassos (2018, p. 77), “o travestismo é marcado pelo sentimento prazeroso, fetichista, de homens que se vestem como mulher ou executam papéis femininos, mas não só preservam como valorizam os órgãos genitais”. Se trata de uma pessoa com sexo biológico masculino que possui a identidade de gênero feminina, a travesti reconhece seu sexo biológico e nem sempre sente necessidade de fazer a readequação sexual, nem sempre sente necessidade de fazer mudanças no seu corpo, apenas a caracterização feminina lhe basta.

Logo, certas identificações tradicionais como as cores rosa e azul são definições preestabelecidas que determinam ao nascimento o gênero do indivíduo, seja masculino ou feminino. São construções banais que caracterizam como meninos e meninas devem ser tratadas/os e como devem agir diante de sua masculinidade ou feminilidade que está associada ao sexo biológico e ao que é esperado por esta sociedade.

As pessoas transexuais rompem o binarismo existente, por este fato representam um perigo para as normas de gênero, pois à medida que vão reivindicando o reconhecimento de sua identidade, também desconstruem a superioridade e dominação que esta sociedade majoritariamente heterossexual ainda exerce diante dessa população identitária e sexualmente diversificada.

Berenice Bento (2008) nos remete a uma conceituação de transexualidade, que denota melhor dizendo, a experiência transexual. Diante disso, a transexualidade é uma;

Dimensão identitária localizada no gênero, e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o conhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização (BENTO, 2008, p. 183).

A experiência transexual é a vivência da própria pessoa. Como todo ser social a pessoa transexual experimenta as possibilidades e subjetividades de sua identidade pessoal, há uma dimensão dessa experiência que forma um conjunto de sensações vivificadas na família, na sociedade, nas relações pessoais e no trabalho, fazendo-se parte dessa formação pessoal, portanto, uma experiência transexual.

“A relação gênero e corpo estão associados ao ser transexual, pois o corpo é repleto de suposições que lhes são atribuídas ao se dizer no nascimento “é menino” ou “é menina”, considerando o sexo biológico da criança. Prepara-se esse corpo para seguir padrões

construídos socialmente a um determinado gênero, feminino ou masculino; o corpo também é um campo de compartilhamento de experiências culturais, sociais e sexuais. Não existe corpo livre de investimentos discursivos” (BENTO, 2008, p. 37).

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo vivo da história do processo de (re) produção sexual. Neste processo certos códigos naturalizam-se, outros, são ofuscados e/ou sistematicamente eliminados, posto as margens do humanamente aceitável, como acontece com as pessoas transexuais (BENTO, 2008, p. 38).

O fato de nascermos num corpo anatomicamente feminino ou masculino não significa que somos obrigados a viver da forma como este corpo nos impõe a ser. As identidades diversificadas existentes nos mostram que podemos viver outras experiências identitárias da qual nos identificamos, mas, é importante ressaltar que;

Há corpos que escapam ao processo de produção dos gêneros inteligíveis, e ao fazê-lo se põem em risco porque desobedeceram às normas de gênero; ao mesmo tempo, revelam as possibilidades de transformação dessas mesmas normas. Esse processo de fuga do cárcere dos corpos-sexuados é marcado por dores, conflitos e medos (BENTO, 2008 p. 38).

Quando um corpo se torna “transgressor” no sentido de não se encaixar no binarismo de gênero, este corpo passa a correr um risco que antes não tinha, pelo simples fato de que se opôs ao padrão binário. A pessoa transexual vive esse risco cotidianamente, com a sensação de medo e rejeição por ter nascido num “corpo errado”.

A transexualidade possui rótulos que são dados pela sociedade que se nega a respeitar/reconhecer o direito das pessoas que se identificam como transexuais, impondo padrões de comportamento de como ser “feminino e masculino”, “menina e menino”, “mulher e homem”, como se fosse uma obrigação se colocar em um dos dois gêneros para então ser aceito como um ser “normal”. Contrapondo a travestilidade, a pessoa transexual que é o norte desse projeto de pesquisa;

É a única categoria que contém em sua descrição a exigência de intervenção corporal para adequar o sexo de origem à identidade de gênero: não basta o semblante, ou seja, não basta o *parecer* pertencer a um sexo, há uma requisição de ser de fato do outro sexo (COUTINHO; TRAVASSOS, 2018, p. 59).

Assim como não se identifica com o sexo biológico, a grande maioria das pessoas que se identificam transexuais sentem a necessidade de realizar procedimentos cirúrgicos corporais para adequar o sexo biologicamente atribuído a identidade de gênero ao qual se sentem pertencer. Giovanna Bianca Trevizani (2018) assinala que;

A transexualidade se refere à condição de o indivíduo possuir uma identidade de gênero diferente daquela à qual foi designado ao nascer. O

indivíduo transexual apresenta uma sensação de desconforto e impropriedade em relação à forma sexual anatômica, manifestando o desejo de viver e também o desejo de aceitabilidade como sexo oposto (TREVIZANI, 2018, p. 90).

Sabemos que a população trans é a que mais sofre discriminação por conta da não identificação com o gênero designado ao seu nascimento de forma padronizada pela sociedade. Dessa forma, fica nítido a rejeição social que ocorre por parte dessa sociedade que exclui, inferioriza, diminui e desqualifica os/as transexuais, que por esses fatos a existência das relações de poder é bem mais frequente nas múltiplas formas de convívio entre as pessoas.

“A *identidade de gênero* refere-se ao *gênero* com o qual a pessoa se identifica. Ou seja, refere-se ao fato de a pessoa se identificar como *homem* ou como *mulher*, relativamente ao *binarismo de gêneros* socialmente predominante” grifos do autor (VECCHIATTI, 2018, p. 21). A identidade de gênero denota a forma como as pessoas se colocam diante da sociedade, em como se reconhecem, em quais grupos se sentem representados e como as imagens são representativas e relevantes para o seu processo de transição para o gênero desejado.

“Dizemos que sexo, identidade de gênero e orientação sexual são três âmbitos distintos de expressão ou vivência social de uma pessoa. Portanto o sexo não define, necessariamente, a identidade de gênero, não define a orientação sexual de uma pessoa” (COSTA; BITTENCOURT, 2018, p. 47). A orientação sexual é uma referência para indicar a atração sexual, afetiva e emocional. Ou seja, para onde nosso desejo sexual está apontando seja para pessoas do mesmo gênero ou pessoas do gênero diferente, “refere-se ao sexo (no sentido de gênero) que atrai a pessoa de maneira erótico-afetiva. Visa identificar, assim, pessoas heterossexuais, homossexuais, bissexuais e assexuais” (VECCHIATTI, 2018, p. 22). A sexualidade evidencia como as relações sociais são produzidas e reproduzidas na sociedade, demonstrando como cada pessoa se reconhece, entende e define seu próprio corpo diante dos padrões pré-estabelecidos.

A orientação homossexual foi uma das primeiras expressões de sexualidade depois da heterossexualidade, por ser uma expressão que foge do padrão heteronormativo histórico-cultural, se tornou durante muito tempo um ato doentio e merecedor de punições, tudo isso diante da cultura heterossexual supostamente culturalizada superior às demais expressões sexuais existentes. “Vale dizer, a homossexualidade é aceita desde que nada acrescente ou questione os padrões heterossexuais hegemônicos, desde que anule qualquer pretensão de originalidade, transformação ou subversão do padrão heteronormativo” (RIOS, 2018, p. 149).

Ou seja, toda forma de sexualidade diferente do padrão heterossexual não é vista com a verdadeira importância que deveria ter, diante disso, por ser dessemelhante as desigualdades vão surgindo e rotulando pessoas por terem uma orientação distinta daquela dita “normal”. A “aceitação” da homossexualidade e transexualidade se tornam mais visível a partir das lutas pelos direitos conquistados até o momento, e, a inclusão da homofobia como forma de discriminação que merece punição para as pessoas que praticam algum tipo de violência física ou moral contra indivíduos homossexuais e transexuais, entre outros.

Quando se percebe a diversidade sexual e suas diversas manifestações de sexualidade, e de alguma forma alguém tente, expresse ou questione o sistema padronizado existente na sociedade, conseqüentemente essa pessoa sofrerá algum tipo de discriminação. Ou seja, as pessoas que se identificam com um gênero ou orientação sexual diferente da heterossexualidade padrão da qual foi pré-estabelecida desde o seu nascimento, essas pessoas facilmente sofrerão preconceitos devido a sua identidade de gênero não aceita e muito menos respeitada em quantos seres humanos que são.

É necessário que a partir do conhecimento adquirido na escola, as crianças e adolescentes possam refletir sobre essas questões plurais e diversas que fazem parte da vida dos estudantes, pois querendo ou não, a escola é um dos principais espaços onde essas identidades de gênero são manifestadas, com isso a escola tem o papel de fortalecer o respeito, a igualdade e a democracia.

Compreendemos que as questões de gênero e sexualidade devem ser trabalhadas no currículo escolar para que se possa haver uma transformação na sociedade diminuindo as desigualdades entre os sexos. É importante fazer com que as diferenças sejam superadas e promover a igualdade de oportunidades tanto para meninos quanto para meninas, e isso, precisa ser feito dentro do âmbito escolar.

2.2 Território narrativo: cenas do contexto da pesquisa

A Sofhia de agora é uma pessoa responsável, tem dívidas, me sustento né! Não dependo de ninguém. Sou uma pessoa que tá tentando ganhar a vida de alguma forma, entendeu? Ajudo minha mãe e vivo a minha vida, Sofhia é uma pessoa feliz, as vezes não é feliz, tá triste, mas uma pessoa que quer ganhar a vida, quer crescer (SOFHIA, 2019).

Evelyn Sofhia Costa da Silva, assim se chama hoje essa mulher transexual, 18 anos, estudante do Ensino Médio, cursando o segundo ano. Conhecida em sua cidade de origem por

seu segundo nome, Sofhia é uma mulher segura de seus posicionamentos, suas escolhas, sua identidade e sexualidade.

Sou mulher e a sociedade vai ter que me aceitar, querendo ou não e me acho linda! Tanto faz a opinião dos outros. Me considero uma Trans PAN, sinto atração por homens, mulheres, gay, todos! Mas, eu sinto mais atração por homens, eu me vejo casada com um homem (SOFHIA, 2019)³.

Sofhia se identifica hoje como mulher transexual, cuja identidade se caracteriza numa construção social e vem constituindo sua identidade desde sua infância. Uma mulher que atrai olhares por onde passa, seja de admiração por sua beleza ou de discriminação por saberem se tratar de uma transexual. Independente dos comentários positivos ou negativos, Sofhia demonstra não se incomodar com opiniões de cunho transfóbico, mesmo que alguns lhe façam ficar indignada em determinados momentos. Ainda no ensino fundamental, a aluna iniciou a sua transição em meio a um contexto social um tanto complexo na família, na escola e na sociedade a falta de informação não permitia o entendimento prévio do que estava se passando na vida da estudante.

Embora seus pais biológicos estejam vivos, Sofhia foi criada desde pequena pelos avós maternos, a qual os considera como seus pais, porém a estudante mantém uma proximidade considerável com os pais biológicos. Logo no início a família não entendia o seu posicionamento, sua mãe/avó foi a mais compreensiva durante todo o processo “*A minha mãe eu não tenho o que reclamar, foi de boa*” (SOFHIA, 2019), já seu pai/avô não queria aceitar sua identidade, ao ponto que segundo Sofhia ele não entendia, “*Ele não ia me aceitar, eu ia ter que ir embora de casa, expulsa!*” (SOFHIA, 2019).

O espaço escolar produz inúmeras práticas de resistência, combate diversas discriminações, mas também é um ambiente reprodutor de desigualdade, com isso, a discriminação se faz presente, Sofhia não esteve alheia desses pré-conceitos, mas teve que aprender a lidar e a resistir diante da transfobia que circula neste contexto educacional.

Sua trajetória de vida está marcada por significações que nos instigam a refletir sobre essas subjetividades marcadas e atravessadas por categorias de gênero, classe social, orientação sexual, sexo e diversos outros. Josenilda Maria Maués da Silva (2008, p. 02) destaca que “as narrativas são assumidas como relatos em meio aos quais, através da linguagem, os sujeitos significam a si próprios e a suas práticas e experiências nomeadas, definidas e relatadas”.

³ O prefixo pan vem do grego e se traduz como “tudo”. Significa que as pessoas pansexuais podem desenvolver atração física, amor, e desejo sexual por outras pessoas, independente de sua identidade de gênero ou sexo biológico (MARSHALL CAVENDISH, 2010 apud REIS, 2018, p. 23).

Para refletirmos diante da identidade transexual de Sofhia é necessário problematizar as narrativas das experiências pessoais relatadas por essa jovem, pois não nos interessa somente o simples contar de uma história, interessa-nos saber e compreender quais são os posicionamentos dos sujeitos dessas histórias, suas subjetividades, seus pensamentos, diferenciações, como e quais significados atribuem a si mesmos; trabalhar com narrativas nos possibilita um envolvimento com as histórias contadas, o que nos permite refletir também acerca do nosso aspecto profissional.

De acordo com Jerome Bruner (2002, p. 46, apud PAIVA, 2008, p. 02), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”.

Nosso sujeito principal da pesquisa nos relatou de forma oral suas experiências vividas ao longo dos seus dias, por isso, escolhemos a pesquisa narrativa, pois é o tipo de pesquisa que se enquadra dentro do que buscamos ao realizar a esta investigação, contudo, se faz necessário um breve aprofundamento do processo narrativo que é utilizado em diversas áreas do conhecimento. Como a autora relata “Várias áreas do conhecimento vêm investigando a realidade reconstruída através de narrativas, além da história e da literatura, berço natural da narrativa” (PAIVA, 2008, p. 02).

Concordamos com Paiva quando ele nos relata que;

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. As narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas na área de Linguística Aplicada (PAIVA, 2008 p. 01).

Através da narrativa oral do indivíduo, conseguimos analisar os processos que a pesquisa busca compreender, então focamos na narração pessoal que se caracteriza como uma história de vida no qual Souza (2010, p. 14) revela:

[...] como pertinente para a autocompreensão do que cada um é, das aprendizagens que são construídas ao longo da vida, das experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados atribuídos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a vida individual/coletiva. Tal categoria integra diversas pesquisas ou projetos de formação, através das vozes dos atores sobre uma vida singular, sobre vidas plurais ou sobre vidas profissionais, no particular e no geral, por meio da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos.

Portanto, as narrativas são assumidas como relatos em meio aos quais, através dos diversos tipos de linguagem, os sujeitos reconhecem a si próprio, suas experiências de vida, além da sua própria construção como sujeita (o) ao longo de sua vida.

A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno (PAIVA, 2008, p. 03).

As narrativas são experiências pessoais que trazem ao pesquisador inquietações e indagações sobre histórias passadas, relatos, acontecimentos e eventos que atravessam a vida das pessoas, neste caso de pessoas transexuais, referente a este trabalho. O pesquisador, a partir das suas interpretações entende que as experiências recontadas não são meramente eventos sem importância, mas, acontecimentos que dão poder as experiências humanas e ao significado de narrativa.

Diante do exposto acima sobre a pesquisa com narrativas que deu suporte para a realização da pesquisa, entrei em contato por telefone celular com Sofhia e marquei então nosso primeiro encontro para mais um passo para a coleta de informações, mas acima de tudo, conhecer uma pessoa que emana resistência em todos os aspectos de sua vida, uma mulher transexual que apesar das discriminações sofridas em decorrência da sua identidade, práticas e escolhas não deixa de lutar por seu lugar na sociedade, seus direitos, posicionamentos políticos e sociais, essencialmente o respeito e diminuição do preconceito com a categoria trans.

Organizei um roteiro para a entrevista semiestruturada com algumas perguntas, mas deixando em aberto para que a aluna pudesse falar o que desejasse. No dia do encontro, na casa onde marcamos a entrevista à noite, conheço pessoalmente Sofhia, uma bela jovem educada, gentil, cabelos curtos e negros, usava um vestido curto e decotado que dava notoriedade ainda mais para as curvas do seu corpo. A partir desse momento apresentei-lhe o termo de consentimento livre e esclarecido, expliquei para o entendimento e concordância de sua parte.

Iniciando a entrevista me apresentei, esclareci um pouco mais sobre a minha pesquisa, conversamos rapidamente sobre coisas aleatórias para melhorar o nosso entrosamento para a entrevista começar de forma mais natural, em seguida dei início as perguntas abertas deixando Sofhia à vontade para responder como quisesse.

No início desse tópico a estudante se apresenta como mulher transexual, expõe algumas de suas características, definindo sua sexualidade e se posiciona enquanto pessoa que

reivindica a garantia de seus direitos. Posteriormente, quando perguntada sobre o surgimento de seu nome social ‘ Evelyn Sofhia’, a estudante respondeu:

Eu tava assistindo novela, sempre tinha o nome de Sofhia, ai eu pensei ‘o meu nome vai ser Sofhia’. No começo o meu nome era Lauandra, mas aí eu queria um nome parecido com mulher mesmo, aí coloquei Sofhia Oliveira, depois tirei e coloquei Evelyn (SOFHIA, 2019).

E complementa se definindo e ressignificando a si própria, em detrimento ao seu nome social;

A Evelyn é uma pessoa super de boa, educada, legal e a Sofhia é uma pessoa estressada, mas é a Sofhia que me comanda, que não abaixa a cabeça, juntando as duas tem eu, Evelyn Sofhia (SOFHIA, 2019).

O nome é uma forma de marcar a personalidade, identificação e individualização de uma pessoa. Toda pessoa tem direito ao nome e sobrenome, pois é parte integrante da identidade da pessoa e construção de sua personalidade. Sofhia diz ser importante a mudança de seu nome de batismo para o nome social em seus registros, e, posteriormente adquirir sua certidão e sua identidade, pois muitas pessoas ficam confusas e não acreditam quando veem seu documento legal e a sua nova aparência física, em muitos casos os transexuais são expostos a situações constrangedoras em seu dia a dia, no caso de Sofhia, a surpresa e a desconfiança das pessoas a incomodam bastante.

Diante disso, conforme Vieira,

O nome é atribuído da personalidade, ao mesmo título que a fisionomia, a saúde, a honra, e todas as particularidades físicas e morais necessárias à existência do indivíduo no meio onde ele se encontra. O direito ao nome é portanto o primeiro dos direitos da personalidade (VIEIRA, 2008, p. 59).

É a partir do nome que as pessoas são conhecidas na família e na sociedade em que vive. A partir do Decreto FEDERAL N° 8.727, de 28 de Abril de 2016, permitiu-se o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais, procura-se com isso evitar que haja constrangimentos para a população trans e que possam e devem ser tratadas pela identidade de gênero que lhes representa.

Como ainda não há lei específica que atenda a reivindicação de alteração de nome das pessoas trans, evidenciamos a Lei de Registros Públicos, artigo 55, parágrafo único, que não registrará prenomes suscetíveis a ridicularização de seus portadores. Considerando então, que seria o mínimo para autorizar a troca de nomes de pessoas transexuais diante da desconformidade com sua aparência física. É importante ressaltar que com a entrada da Lei n° 9.708/98 que alterou o art. 55 da Lei de Registros Gerais, seria possível substituir o prenome

da pessoa transexual por apelidos públicos notórios ou por nome ao qual é conhecido em seu meio social, neste caso, oficializar o nome Sofia, significa uma conquista diante das pessoas que ainda “insistem em me chamar pelo nome masculino, eu fico incomodada, se me chamam pelo nome masculino eu nem respondo, eu não gosto” afirma a estudante.

2.3 Territórios de transição: a experiência transexual na infância e adolescência

As pessoas transexuais lutam diariamente para terem sua identidade de gênero reconhecida diante das outras múltiplas identidades existentes na sociedade. A experiência de transição que passam as pessoas transexuais se torna um processo doloroso para as suas famílias, mas principalmente para si próprio, que passa por discriminações acerca dos olhares de uma sociedade que possui conceitos pré-estabelecidos.

Há hoje um aumento na quantidade de crianças que não se identificam com sua identidade de gênero atribuída ao nascer. Os psicanalistas Marco Antônio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos (2018) analisam e criticam a forma como essas crianças tem sido “diagnosticada” precocemente por especialistas.

Nenhuma criança se define como transgênero. Ela recebe esse rótulo de adultos, que na maioria das vezes são os próprios pais e, posteriormente, especialistas. As crianças estão amplamente imersas em suas fantasias e podem ter identificações lábeis, é preciso respeitar os movimentos identificatórios delas para poder obter uma saída saudável (COUTINHO; TRAVASSOS, 2018, p. 115).

Tanto na infância quanto na adolescência compreendemos que a ação de transicionar poder gerar nesse indivíduo um conflito interno sobre sua definição de identidade, é importante respeitar o tempo e as experimentações dessas pessoas, assim como os seus pensamentos e comportamentos sexuais e identitários atípicos de uma sociedade historicamente tradicionalista.

A estudante transexual Sofia relata que desde muito cedo se identificava com o gênero oposto ao que lhe foi dado ao nascer, mas que levou um tempo para assumi-lo. Primeiramente se assumiu como homossexual logo após o falecimento de seu pai/avô, mais adiante a aluna começou a usar aos poucos acessórios considerados femininos, bem como maquiagens e até a mudança comportamental para o que se costuma dizer “naturalmente” construído como feminino. Sofia conta como foi a sua transição para a identidade transexual, neste período a aluna já estava com 16 anos de idade;

Fui pra uma viagem de quadrilha junina, já estava afeminada, só que eu não tomava hormônio, eu e minhas amigas chegamos e começamos a se arrumar

na frente de uma casa, aí a menina só abriu a porta e perguntou se não queríamos nos arrumar lá dentro, aí a gente se arrumou e eu deixei minha bolsa com as minhas roupas lá. Na hora de vim embora a menina sumiu e os ônibus começaram a ir embora, aí a gente ficou lá. Era pra eu passar um dia, passei dez dias! Aí eu não tinha roupa, a minha outra amiga que já era trans começou a me emprestar a roupa dela, comecei a andar por lá vestida de menina, foi aí que comecei a me vestir como mulher. Sempre que tinha essas viagens eu me vestia de menina, e eu chamava muita atenção. Aí quando cheguei em casa dessa viagem eu falei pra mamãe, “mãe agora eu vou virar mulher, eu sou mulher!” Tirei toda a minha roupa do guarda-roupa de menino, deixei um par, só pra lembrar. Uma prima minha me deu um monte de roupa de menina, depois eu mesma fui comprando, passei um ano aqui no Acará e depois fui embora pra Belém. Vai fazer dois anos que virei trans (SOFHIA, 2019).

O mundo familiar e social que circunda Sofhia é o esperado histórico-socialmente, não propriamente a sua família que difere do padrão tradicional, mas, as famílias, os vizinhos ao seu redor que julgam e discriminam a transexualidade da jovem, gerando situações de conflitos que se estendem até hoje, mas com menos frequência atualmente, já que a estudante sempre se posicionou contra comentários transfóbicos.

A partir do momento em que Sofhia se posiciona como mulher trans, buscou informações com outros amigos/as trans, na internet e também na escola, infelizmente por parte da escola a jovem não obteve resposta, narra que não teve nenhum tipo de orientação sobre gênero, sexualidade ou educação sexual, e, ainda hoje nos espaços educacionais que frequenta também não existe em momento algum, palestras ou orientação para a comunidade escolar, especificamente para o público trans.

Na infância, Sofhia relata que mesmo se sentindo mulher não hesitava em participar das brincadeiras naturalizadas com características masculinas, até porque se sentia à vontade para brincar com as outras crianças, questionada, a jovem diz que:

Na minha infância eu era muito aberta, brincava de tudo, sempre fui péssima, subia em árvore, brincava de casinha, jogava futebol, corria, brincava de louçinha, todas as brincadeiras de mulher e de homem, não tinha distinção. O meu pai não gostava que eu brincasse de elástico, mas eu brincava mesmo assim (SOFHIA, 2019).

Dessa forma, analisamos que as brincadeiras tiveram um papel essencial para a construção da identidade da jovem, vemos isso através da sua personalidade, pois se tornou uma mulher segura no modo de agir, de pensar e sentir. Muito se atribui as suas experiências de infância, sua independência e entendimento sobre as brincadeiras daquela época foram pertinentes para refletir os padrões que determinam ou tentam determinar sua formação pessoal e social, pois está relacionado a um conjunto de características que gradualmente desde a infância até a adolescência influenciaram suas escolhas, ações, pensamentos e valores.

Tanto homens quanto mulheres são criados desde a primeira infância para seguir determinadas condutas que são atribuídas de acordo com o sexo biológico. Portanto, nasce com um pênis ou uma vagina faz com que o indivíduo automaticamente pertença a determinado gênero e, a partir daí, tem-se um signo que determinará uma série de significados a serem contemplados e preenchidos. Aquele indivíduo que não se enquadra nessa conduta é considerado um desviante, e assim será enquadrado ou marginalizado (GARCIA; MARIN, 2018, p. 76).

Desse modo, sua orientação sexual ou a forma como vivencia sua sexualidade vem se construindo desde muito cedo, como consequência, uma pressão é exercida sobre a jovem para que reprima seus desejos sexuais e se adeque ao padrão binário existente. O medo, a vergonha e a pressão por parte da família e principalmente do pai/avô fizeram com que Sofhia escondesse durante toda a sua infância e boa parte de sua adolescência sua orientação sexual. Indagada se alguma vez se sentiu pressionada a esconder sua orientação diante da família e se teve apoio, ela responde:

Sim, quando eu era mais nova. Tipo, eu ficava com mulher, mas era só beijo, só que eu não gostava. Eu ficava com meninos escondido, porque eu tinha medo da família porque diziam que era um desgosto. Eu tava com 14 ou 15 anos, aí as vezes o meu pai me batia, só de raiva eu falava que era gay (SOFHIA, 2019).

Desde muito cedo a sociedade espera de meninos e meninas comportamentos que são atribuídos de acordo com o sexo biológico da criança. Nascer com um pênis ou uma vagina determina qual gênero a pessoa deve pertencer, tudo isso numa perspectiva patriarcal, cultural, heteronormativa-padronizada.

Nesse sentido, muitas meninas são pressionadas, através de inúmeros insultos e humilhações, a esconderem sua orientação sexual e, não raramente, sofrem agressões físicas. Muitas abandonam ou são obrigadas a abandonarem seus lares, outras tentam seguir os padrões heteronormativos e traçam um triste histórico em suas vidas (BARROS, et al, 2018, p. 23).

Diante disso, percebe-se que a família de Sofhia inicialmente não lhe deu o suporte necessário para que a jovem tenha uma plena formação de sua identidade, contudo, há a falta de esclarecimento e conhecimento. Justamente por ter havido essa falta diante das análises feitas, mesmo tentando amenizar as situações que passou na infância e adolescência a estudante em suas narrativas busca de alguma forma esquecer ou normalizar os tipos de violências sofridas neste período. Em muitos casos as famílias não tomam conhecimento sobre o preconceito e discriminações que seus filhos e filhas sofrem no ambiente escolar, assim, duplicando essas violações dentro de casa.

2.4 “A minha família ainda me chama de ‘ele’”: território familiar

Às vezes a minha família ainda me chama de “ele”, às vezes pelo meu nome masculino, é muito difícil, é mais uma vizinha que faz isso, acontece mais de trocarmos o feminino pelo masculino, só isso, mas é normal (SOFHIA, 2019).

O círculo familiar nos remete à um lugar onde se deveria oferecer carinho, cuidado, educação, dignidade, liberdade entre várias outras características. A família seria então um lugar harmonioso de se viver e conviver, pois o vínculo familiar envolve além dos pais, os parentes próximos, considerando nesse aspecto a família tradicional. Sabe-se que hoje a família tradicional formada por pai, mãe e filhos sofreu diversas modificações em detrimento ao contexto social em que vivemos. Nesse sentido, há diversas formas de constituição de família. A família de Sofhia não se difere dessa multiplicidade de famílias existentes na sociedade, formada por dois irmãos e a avó; a estudante se diz feliz e bem aceita na sua família.

Nas diversas vezes em que a família de Sofhia troca o termo “ela” por “ele” ou ainda insiste em lhe chamar pelo nome masculino, percebemos então uma resistência em aceitar e respeitar a forma como a estudante se identifica. Nesse caso, na própria fala de Sofhia fica nítido que ela acha normal as pessoas continuarem a chamando dessa forma, embora em outros momentos tenha deixado claro que não aceita e não gosta, até porque faz um certo tempo que a estudante passou pela transição, “vai fazer dois anos que comecei a minha transição, eu ia fazer 17 anos. Eu queria mostrar quem realmente era” (SOFHIA, 2019).

O ambiente familiar é um campo de construção de relações sociais e construção de identidades, é um lugar de tensão, pressão, mas também de afeto e cuidado. Nesse contexto, Regina Célia Miotto (2010) ressalta que:

A família, nas suas mais diversas configurações constitui-se como um espaço altamente complexo. É construída e reconstruída histórica e cotidianamente, através das relações e negociações que estabelece entre seus membros e entre ela e outras esferas da sociedade, tais como o Estado, trabalho e mercado. Reconhece-se também que além de sua capacidade de produção de subjetividades, ela também é uma unidade de cuidado e de redistribuição interna de recursos. Portanto, ela não é apenas uma construção privada, mas também pública e tem um papel importante na estruturação da sociedade em seus aspectos sociais, políticos e econômicos (MIOTO, 2010, 167-168).

A família tem um papel muito importante na vida de uma pessoa, fundamentalmente no desenvolvimento psicossocial de uma criança ou adolescente, pois é no âmbito familiar que acontece as primeiras formas demonstrativas de afeto relacionadas a sexualidade e a construção de uma identidade. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2015, p. 9), a família em conjunto com a sociedade num geral deve garantir a “efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”. Toma-se como base o respeito, a liberdade e os direitos referentes a vida de Sofhia, a qual naturalizou o comportamento de sua família em detrimento a forma como se dirigem a ela.

A minha família sempre me respeitou, nunca me julgaram, só tinha um tio que eu tinha um pouco de medo dele, fui apresentar o meu primeiro namorado pra ele, morrendo de medo do que ele ia falar, mas foi de boa, ele só falou que gostava muito de mim e queria que eu fosse feliz (SOFHIA, 2019).

Acostumada a chamar sua avó de mãe e seu avô de pai, Sofhia diz que não teve problemas quando resolveu assumir sua sexualidade para a família, a não ser o seu pai/avô que se dizia contrário a aceitação da filha. Com o passar do tempo, o pai/avô da estudante faleceu e foi então que de fato começou a sua transição, já que com a presença do pai a aluna não se sentia confortável para ser quem realmente era, embora as coisas tenham ficado difíceis depois do falecimento do pai/avô como narra a jovem: “fui pro interior, ai meu pai morreu, eu fiquei feliz e triste ao mesmo tempo, eu tinha uma vida muito boa, uma vida de princesa, ele me dava tudo, ai agora minha mãe é sustentada pelos filhos, o dinheiro acabou depois que ele morreu, a nossa vida mudou” (SOFHIA, 2019).

Embora a jovem transexual não tenha sofrido nenhum tipo de violência doméstica de acordo com as respostas obtidas através das entrevistas, é importante ressaltar que o ambiente familiar possui um alto índice de violência contra adolescentes LGBT, por outro lado sabe-se que também é um lugar onde se constrói afeto e sociabilidade. O contexto familiar muitas vezes oprime, impõe, humilha e agride esses adolescentes por não se encaixarem nesse padrão heteronormativo. Infelizmente, nossa sociedade passa por momentos mais do que nunca violento, preconceituoso, opressor e humilhante, diante disso, as pessoas transexuais também sofrem com esse tipo de intolerância.

Atualmente, são muitos os projetos, leis, programas, cursos e tantos outros que nos trazem uma gama de conhecimentos e informações sobre essas questões, e que segundo

Navarro (2011, p. 5 apud BARROS et al, 2018, p. 22) busca-se mostrar que “nem o sexo biológico, nem o gênero, nem as práticas sexuais podem dar uma definição do ser humano, atestando uma essência qualquer ou uma substância estável de homogeneidade individual”.

Tanto na família quanto em outro contexto social é necessário que se tenha respeito, empatia. Na maioria dos casos a LGBTfobia começa dentro de casa, ganhando força também no contexto escolar, fazendo com que esses adolescentes sofram tanto fisicamente, quanto psicologicamente, o que em casos extremos pode chegar ao suicídio.

Discutir gênero, sexualidade e diversidade sexual, se tornou tão importante como qualquer outro assunto. Sabemos que além da maioria das mulheres, a população LGBT é a que mais sofre violência doméstica, que se apresenta de forma psicológica, física, sexual, matrimonial e também emocional. Em todas essas formas de violência, as pessoas afetadas podem desenvolver variados problemas que estão relacionados também a apelidos e humilhações vivenciadas no cotidiano social e educacional. Tudo isso, simplesmente pelo fato de que este adolescente não se sente parte desse ‘padrão’ que foi historicamente estabelecido e enraizado em nossa sociedade. O fato de que a pessoa se identifica com um gênero oposto ao que lhe é atribuído ao seu nascimento, não quer dizer que essa pessoa seja menos humana e tenha menos direito de liberdade, dignidade e igualdade do que os outros.

O uso do banheiro é na maioria das vezes um complicador na vivência em sociedade e também nas escolas. Sofhia relata que na escola não teve problemas quanto a utilização do local, pois desde que assumiu a sua identidade trans procurou lutar por seus direitos e respeito; sempre que precisava usar o banheiro a estudante tinha o apoio dos colegas de turma, tanto meninas quanto os meninos que desde o início da sua transição entenderam e respeitaram o pedido de Sofhia de ser chamada pelo nome que ela mesma escolheu para si.

Embora o banheiro no âmbito educacional não tenha sido um problema, nos espaços de lazer, especificamente em uma danceteria de sua cidade, Sofhia conta que sofreu agressão física e verbal por ter tentado usar o banheiro feminino;

Aconteceu só uma vez, eu queria entrar no banheiro feminino e eu já estava menina, mas alguma mulher falou que eu era trans, aí o segurança não quis deixar eu entrar, me agrediu, peguei choque, foi ruim a situação, mas até que eu gostei porque, eu fiz um escândalo, fiz uma publicação no facebook e chamou muita atenção pra que nenhuma trans passasse por isso que eu passei (SOFHIA, 2019).

A cada dia a violência vem se intensificando na sociedade, os discursos moralistas e tradicionalistas fazem crescer em boa parte da população a expressividade do preconceito e da discriminação, tentando cercear a liberdade de expressão que a muito tempo a população trans luta para conseguir. Pouco se alcançou até o momento, pois o desrespeito ainda prevalece, no

caso de Sofia a violência sofrida por tentar usar o banheiro feminino indica que o binarismo de gênero é o que ainda prevalece e o que se distancia desta constrição histórica é visto como transgressor, anormal, por este fato muitas pessoas se sentem no direito de discriminar ou reprimir alguém, principalmente pessoas transexuais.

As relações de poder vão se construindo, barreiras entre o que é considerado “normal” e o que é atípico vão se estabelecendo a partir de uma sociedade que se institui heterossexual, cristã, classe média e tradicional. Segundo Louro (2000),

Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos (LOURO, 2000, p. 09).

Diante de todas essas violações sofridas pelos LGBTs em especial as pessoas transexuais, se fazem urgentemente necessárias políticas públicas que informe, oriente e principalmente sensibilize a sociedade, mostrando que o preconceito e a discriminação não só ferem um corpo, assim como mata. De acordo com esta constante situação, as relações de poder exercidas e construídas através da estigmatização que frequentemente ocorre em torno da população LGBT, faz com que haja certa submissão identificada principalmente nos comportamentos dessas pessoas, entretanto, a busca para garantir seus espaços na sociedade é uma luta constante.

3 NARRATIVAS DE ESCOLARIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE UMA JOVEM TRANSEXUAL

Neste capítulo analiso as experiências vividas por Sofia no âmbito escolar, discutindo suas práticas de resistência e lutas por respeito e reconhecimento de sua identidade como mulher trans, em seguida apresentamos das narrativas dos sonhos, desejos e perspectivas da estudante para seu futuro.

3.1 “Olha, tu me respeita!”: entre controles e resistências na escola

Quando acontecia na escola, eu nunca aceitava, sempre fui muito grossa, eu falava logo “olha tu me respeita!” (SOFHIA, 2019).

As escolas ainda sentem bastante dificuldade em abordar questões sobre diversidade sexual, quando se deparam com alunos (as) transexuais essas instituições tendem a ‘deixar de lado’ um debate essencial na vida escolar de crianças e jovens. Em se tratando de pessoas transexuais a escola deveria instigar a reflexão a cerca dessas questões, pois em muitos casos, mesmo falando sobre transexualidade na escola muitos alunos trans ainda sofrem discriminações perante a comunidade escolar.

O preconceito está presente no contexto escolar desde muito cedo, muitos estudantes passam por discriminações sejam elas por gênero, opção sexual ou identidade de gênero. Ao ser perguntada sobre como lidava com o preconceito dentro da escola, Sofia relata que diversas vezes passou por momentos preconceituosos por parte de alguns colegas de turma e até mesmo por alguns professores, mas, em nenhum momento deixou de enfrentar os ataques, a aluna desde muito cedo aprendeu a se impor e diz que hoje “*Não acontece muito como acontecia antes, já mudou bastante*” (SOFHIA, 2019), a estudante exigia respeito e não aceitava comentários preconceituosos, em vários momentos utilizava do discurso de “vou te denunciar” para conseguir o respeito.

Historicamente a escola é heterossexualizada e mesmo diante de muitas lutas e posicionamentos a partir das pessoas trans como a Sofia, este ambiente ainda se opõe a dar visibilidade e voz a essas pessoas, por este motivo os professores, especialmente das escolas públicas que apresenta uma pluralidade de corpos, pensamentos e especificidades, estes devem, segundo Fernando Guimarães Oliveira da Silva e Eliane Rose Maio (2017).

Assumir um compromisso social enquanto profissionais da educação, porque, se eu não aceito, não tem como fazer um acolhimento efetivo e tornar suas identidades parte do processo de ensino e aprendizagem. As nossas discussões em sala de aula nos convidam a filiarmos a explicações diversas sobre o assunto para não acontecer o que muitas pesquisas de doutorado e mestrado têm mostrado sobre o contato que estudantes trans têm com vulnerabilidades, uma vez que as escolas têm sido um ambiente hostil (SILVA; MAIO, 2017, p. 26).

Para um processo de aprendizagem desenvolvido de forma efetiva é necessário que a escola acolha os alunos transexuais para que construam suas identidades de forma plena, sem que sejam hostilizados num ambiente ao qual deveriam se sentir seguros, e que sejam livres para expor seus pensamentos e subjetivações.

Muitas escolas se eximem da responsabilidade de tratar a temática, deixando de proporcionar uma reflexão e pensamento crítico para toda a comunidade escolar, com isso, permite que a discriminação ocorra nestes espaços de formação. A postura da escola frente a novas demandas educacionais como a transexualidade, não pode ser de silenciamento e descaso, a escola em sua função social deve promover o respeito e a igualdade para desenvolver ações pedagógicas que desnaturalizem normas e padrões heterossexuais que foram construídos desde a infância de nossos alunos, propiciando um ambiente de aprendizagem de qualidade e uma escola mais inclusiva.

Segundo Silva (2000, p. 41), abordar essas questões de gênero e sexualidade no currículo escolar é “assumir o peso da responsabilidade dos muitos homens e mulheres que ajudam a formar aqueles de nós que trabalham por uma sociedade mais democratizada”. O professor tem uma grande responsabilidade, pois, precisam instigar os alunos a discutir e refletir sobre as questões de gênero e sexualidade incentivando as expressões de cada pessoa.

O currículo não é neutro nem inocente, mas envolve a transmissão e reprodução de conhecimentos em uma sociedade. O currículo representa o papel da escola. Como afirma Silva (2000):

O currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual... /ela tem uma história vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (SILVA, 2000, p. 07-08).

A formação da própria identidade é uma questão que faz parte do campo do currículo, pois refletem aspectos presentes no contexto escolar, aspectos esses que envolvem cultura e valores de uma sociedade. As construções sociais e culturais estão presentes na

escola, assim como as relações de poder entre os sexos. Diante disso, o currículo precisa englobar tais temáticas, pois reflete na escola uma abordagem para as problemáticas que surgem na própria escola, com isso “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria a produz” (LOURO, 1997, p. 80-81).

As instituições de ensino são espaços importantes no processo de aprendizado dos alunos e alunas, promovendo uma relação de convívio onde conseqüentemente as relações de poder estão enraizadas. Essas relações trazem diferentes formas de desigualdades e preconceitos por transitar nela diferentes sujeitos com diferentes modos e características, surgindo às piadinhas racistas ou sexistas, como também a discriminação pela orientação sexual do outro, gerando comportamentos transfóbicos entre os alunos.

Justamente por existirem as diferenças entre as pessoas que as discriminações se tornam cada vez mais constantes e com isso, as piadinhas avançam para a violência física. Quando se mostra outra identidade, outra forma de se vestir, de falar, de andar, intervindo em seu próprio corpo e assim manifestando a sua própria identidade e subjetividade.

Alexandre Bortoline (2011, p. 31) destaca que “esse jogo é disputa, pois pode significar não passar despercebido, ser alvo de risos, piadas e até agressões ou violência física. É um jogo perigoso e imprescindível, porque fala diretamente sobre como Eu me coloco no mundo”. Esse jogo de disputa social e cultural ocorre em todos os espaços, inclusive na escola. Um espaço onde se convive com diferentes identidades, muitas vezes não hegemônicas, um jogo que envolve desigualdades, opressões, contradições e enfrentamentos, desconstruindo e construindo padrões.

Nessa concepção de espaço e diferentes identidades e comportamentos, Sofia relembra um episódio com a diretora daquela época na escola que frequentava.

Comecei a me maquiar, fui pra escola maquiada, eu já tinha 16 anos, lembro que a Gilda⁴ reclamava muito, eu passava um batom bem vermelho, bem forte, ela falava pra mim tirar, eu falava que eu não ia tirar, as vezes falava que eu ia denunciar ela por preconceito, eu perguntava: Porque eu não posso usar batom? As meninas usam! Eu vou usar sim! E eu ainda sentava na frente, sempre fui muito inteligente. A maioria dos professores gostavam de mim, sempre tem um que não gosta, mas eles têm que aceitar (SOFHIA, 2019).

“É pertinente lembrar que a construção do sujeito vale tanto para os/as professores/as, quanto para todos/as os/as alunos/as e pessoas que fazem parte da comunidade escolar: técnicos, funcionários terceirizados, pais” (XAVIER, 2019, p. 91). Essa construção

⁴ Nome fictício dado a diretora da escola naquela época.

envolve a escola num todo, pois faz parte do seu processo de formação; vale refletir também sobre o controle que a escola exerce sobre as pessoas, tentando velar e “preservar” comportamentos que fogem do que historicamente tem sido legitimada dentro da escola, a padronização, que pratica formas de controlar a partir de disciplinas, conteúdos, regras e valores que são conferidos aos educandos. A diretora da escola que Sofhia frequentava tentou exercer um domínio sobre a liberdade e construção da identidade da aluna, pois “esses corpos e identidades escapam do controle da instituição e da sociedade” (SANTOS, 2010, p. 120).

Sabemos que há diversas instituições, locais e materiais que podem fornecer informações a respeito do que está relacionado ao termo gênero e sexualidade. A escola não é o único meio onde se caracteriza o ser masculino e feminino, existem outros meios onde se podem determinar os gêneros, como destaca André Luiz Zanao Tosta e Darcy Anderson Daltio:

Os meios de comunicação (jornais, revistas e principalmente a televisão), os discursos religiosos, a nossa moderna cultura de massas (onde predomina a figura da música como um meio poderoso de transmitir ideias e estilos de vida) e mesmo os lugares comuns que nos são ensinados a cada esquina: todos são responsáveis por criar discursos que (muitas vezes contraditórios) moldam nossas concepções do que seria apropriado para homens e mulheres, quais as relações possíveis de serem vividas e quais devem ser abolidas (TOSTA; DALCIO, 2013, p. 219).

A escola tem um papel muito importante no início deste contato que a criança tem com o termo, até porque, é também na escola que a criança constrói aos poucos sua identidade e subjetividade, é dentro do âmbito escolar que ela vai começar a interpretar o gênero e a sexualidade que também é importante ser trabalhada na escola. Tudo o que está a nossa volta pode influenciar para a formação do que é constituído pela sociedade para o homem e para a mulher, percebemos que na sociedade está imbricada essa legitimidade prescrita para cada um dos gêneros.

Nessa mesma perspectiva, a universidade traz consigo essa oportunidade de estabelecer uma relação mais crítica com a sociedade, pois é interessante pensar num diálogo entre pesquisador e sujeito, dessa forma, fica evidente a troca de conhecimento, aproximando o saber popular e o saber acadêmico. É preciso pensar na diversidade que está presente também no meio acadêmico, diversidade de gênero, raça, classe, etnia etc. Pois, se trata de uma questão importante que precisa ser discutida em todos os âmbitos educacionais, levando em consideração os diferentes sujeitos em suas subjetividades, especialmente as pessoas transexuais, não os considerando apenas como objetos de pesquisa, mas como pessoas com direitos e deveres.

Quando se trata da inserção das pessoas LGBTs no contexto escolar, vemos a grande problemática que se gera em torno do ambiente, pois, a maioria dos profissionais da educação sejam eles docentes e não docentes, que recebem esses indivíduos, não estão preparados para trabalhar essas questões cotidianas como temas transversais em diferentes disciplinas da educação.

No caso da transexual Sofhia, indagada sobre a sua relação com a comunidade escolar a partir das mudanças corporais que começou a fazer, a aluna destaca como foi a aceitação no contexto escolar durante seu processo de transição para mulher trans:

Eu fui aceita super de boa, sempre tinha as outras turmas que não gostavam de mim, mas a minha turma me adorava por que eu sempre fui muito alegre, sempre alegrava os professores, os meus colegas quando estavam tristes. Tinha um professor que gostava muito de mim, ele foi o primeiro que colocou o meu nome Sofhia na chamada, fiquei surpresa quando ele começou a me chamar assim (SOFHIA, 2019).

O respeito que se busca nesses espaços em muitos casos assusta, surpreende e acalma as pessoas trans, habituadas a terem que batalhar para serem respeitadas e aceitas, acreditamos que ainda é possível construir mais e mais uma aproximação entre a escola e a multiplicidade de experiências, de forma a resistir a exclusão e possibilitar a construção do conhecimento e aprendizado crítico-reflexivo.

Mesmo que no primeiro momento a estudante tenha sido recebida de forma tranquila e acolhedora, no decorrer de seu processo de formação surgiram alguns percalços dos quais Sofhia precisou enfrentar. Por falta de conhecimento e esclarecimento a aluna diz que nos primeiros meses usou da força física para se defender e garantir o seu espaço: “eu era muito brigona, não aturava ninguém aí eu era respeitada, às vezes vinham me bater, mas eu batia e não apanhava, até pelo fato de eu ser muito esperta, nunca abaixei minha cabeça pra ninguém” (SOFHIA, 2019).

Quando passou a usar seu nome social na escola, Sofhia percebeu que alguns professores se negavam a atender o seu pedido, pois muitos desses professores não aceitavam a sua identidade, compreendemos que esta realidade é comum no caso de muitas pessoas transexuais, na sala de aula são diversos educadores que colaboram para que o preconceito cresça a cada dia. Entendemos essa situação quando a estudante narra o seguinte:

Eu comecei a pedir para os outros professores colocar na chamada também, tipo quando eu virei trans mesmo. Tinha professor que não queria colocar e nem me chamar de Sofhia, aí eu falava que eu ia denunciar ele por preconceito, aí eles aceitam por isso, forçado (SOFHIA, 2019).

Independente das situações de discriminação, preconceito, violência e posicionamentos, a estudante ressalta que sempre gostou de estar nas dependências escolares mesmo que ainda existam muitas pessoas que a discriminam por sua identidade, “*na escola eu era eu mesma, eu sentia que podia ser eu, ainda tem muitos na escola hoje que não me aceitam*” (SOFHIA, 2019).

Temos na escola identidades diferenciadas e é necessário que se abra caminhos para que as diferenças façam parte do cotidiano da escola, rompendo o modelo de homogeneidade que foi instaurado durante todo esse tempo nessa sociedade. Percebe-se que o âmbito escolar na perspectiva transexual se constitui por lutas, discriminações e reivindicação do reconhecimento do gênero que circula junto aos outros corpos falantes da escola. Perante essas colocações percebemos que;

A falta de um ambiente inclusivo na escola pode ocasionar “[...] situações de violência que são experimentadas de diferentes maneiras por aqueles/as que se distanciam dos padrões esperados em termos de orientação sexual, identidade de gênero, cor/raça e condição socioeconômica” (BRASIL, 2009, p. 148, apud XAVIER, 2019, p. 07).

É importante ampliar o acesso a materiais que possam esclarecer dúvidas sobre a temática, tanto para professores e outros profissionais da educação, quanto para as próprias famílias que em sua maioria estimulam o preconceito existente na sociedade, justamente por falta de conhecimento, e, com isso, nossas crianças acabam submergindo e praticando o que lhes é ensinado. O conhecimento para a formação de professores, pais, comunidade escolar e sociedade é necessário para constatar que;

A construção do sujeito humano consagra-se como uma das questões mais efervescentes na contemporaneidade, emergindo a necessidade de compreensão e problematização dos aspectos históricos e culturais que se entrecruzam na constituição de homens e mulheres (FRANCO; CICILLINI, 2016, p. 180, apud XAVIER, 2019, p. 13).

Tanto o entendimento educacional quanto o entendimento de questões que surgem das relações sociais interferem e modificam o processo de aprendizagem, principalmente no que tange sobre os aspectos históricos do desenvolvimento humano e a construção de cada um de nós como homem, mulher ou transexual. Esse conhecimento trabalhado em sala reforça o entendimento das diferenças existentes e a normalidade que significa conviver e respeitar essas diferenciações, sejam elas de cor, raça, sexo, orientação sexual ou de identidade de gênero.

3.2 “O meu maior sonho é dar uma vida boa pra minha família”: sonhos e desejos de uma jovem transexual

O meu maior sonho é dar uma vida boa pra minha família, minha mãe, meus irmãos, meu segundo sonho é me formar e o terceiro é colocar uma vagina (SOFHIA, 2019).

Toda pessoa tem o direito de almejar e conseguir viver uma vida digna de qualidade e liberdade com direitos e deveres a partir do que é garantido na Constituição Federal. Para as pessoas transexuais não é diferente, mas o que nós vemos é justamente o contrário, diante de uma sociedade que em sua maioria é denominada pelo binarismo de gênero mulher/homem, o preconceito aumenta na mesma medida em que as lutas pela igualdade de gênero.

Toda pessoa transexual deveria viver sem medo de sair de casa, sem restrições ou vergonha de entrar em um determinado lugar, pois, não se identificar com esse binarismo existente não anula a humanidade do/da transexual, essas pessoas continuam tendo seus sonhos, objetivos, perspectivas para o futuro, desejos, sensações e ambições como qual outro homem ou mulher cisgênero⁵.

Sofhia relata que pretende cursar uma faculdade de pedagogia ou engenharia, almeja continuar seus estudos e daqui a alguns anos se formar. Por problemas pessoais a estudante disse não ter realizado o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) este ano, mas se diz empolgada para prestar o vestibular no ano que vem em 2020, assim estará mais perto de suas realizações.

Por Sofhia ter passado por uma situação constrangedora e violenta em uma danceteria de sua cidade por querer usar o banheiro feminino, a estudante relata que “era pra ter um banheiro pra LGBT, mas não tem. Tipo, a família e a sociedade é muito preconceituosa, o que tem que mudar pra mim é a forma de educar os filhos, de respeitar as pessoas” (SOFHIA, 2019). Entristece-nos a forma como essas palavras são pronunciadas e desejadas para que um dia frequentar a um banheiro público já não seja um gerador de conflitos entre as pessoas, não seja motivo para alguém transexual sofrer violência física e psicológica. Esse é apenas mais um sonho de mais uma jovem trans que vive constantemente a mercê desses acontecimentos.

⁵ São as pessoas que apresentam conformidade entre o sexo de nascimento e a identidade de gênero a ele associada. Conferir em Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos ‘Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência’ 2018, p. 59.

Quando se fala em trabalho, a aluna diz que atualmente apenas estuda e recebe ajuda financeira do namorado e às vezes da mãe/avó, pois mora em outra cidade e precisa terminar seus estudos. Perguntada se sente dificuldades no mercado de trabalho, a educanda diz já ter sofrido discriminação por ser transexual.

Sinto, entreguei meus currículos e não fui chamada em nenhum, nenhuma entrevista. Quando fui embora pra Belém comecei a trabalhar lá, mas depois fui demitida. Porque julgam muito pelo fato de ser trans e não dão emprego (SOFHIA, 2019).

A baixa escolaridade e a falta de oferta de emprego para transexuais em muitos casos os leva a prostituição. Muitas dessas pessoas enxergam nisso a possibilidade de trabalho e ganho financeiro, isso acontece, pois, em quase todas essas histórias de vida o preconceito na família, na escola e na sociedade fazem com que essas pessoas trans sejam excluídas de tal forma que dificilmente conseguem retomar os estudos. Sofhia relata que tem amigas trans que abandonaram os estudos pela prostituição e ressalta que tem que ter muita força de vontade e muita resistência para não tomar o mesmo rumo.

Diante disso, o sofrimento se torna constante na vida dessas pessoas, embora Sofhia diga não sofrer tanto com o preconceito, notamos justamente o contrário baseado em sua fala;

Hoje eu não sofro muito preconceito, mas sempre tem aquelas frases, palavras que te deixam mal, só que eu não demonstro na frente das pessoas, eu choro as vezes quando eu chego em casa, a gente se mete em muitas coisas erradas por ser trans, conhece o mundo das drogas e por falta de oportunidade também, eu choro pra descarregar. É muito difícil ser aceita. Hoje eu tô focada. Não sou quem eu era antes, aprendi muita coisa nesse mundo, o certo e o errado (SOFHIA, 2019).

Neste relato da jovem, nota-se as dificuldades que as pessoas transexuais passam diariamente, como agressões emocionais de rejeição, desrespeito e humilhação, como no caso de Sofhia que hoje enfrenta essas complicações sozinha para não demonstrar fraqueza diante dessa sociedade que oprime, discrimina e mata a cada dia mais as pessoas com identidade trans. Nesse contexto, a comunidade trans luta por aceitação, assim como todo ser humano que vive em busca de aceitação seja em qual for o espaço ou aspecto social, consequentemente parecer com o grupo social no qual quer ser aceito é essencial para obter um sentimento de realização e satisfação.

A aparência é um aspecto fundamental de toda essa discussão, e se evidencia nos relatos. Ela, como marcador físico de gênero, é considerada muito importante no discurso das pessoas trans, que desde muito jovens são levadas, mais do que pessoas que não são trans, a perceberem os paradoxos entre suas vivências e as noções prevalecentes de masculinidade, feminilidade, masculino e feminino (JESUS, 2013, p. 11).

Embora a luta pelo reconhecimento das diferenças seja importante, a aceitação é tão importante quanto. Se encaixar e se sentir parte de algum grupo leva as pessoas transexuais a verem nas cirurgias e tratamentos hormonais a possibilidade de minimizar o desconforto que sentem com seu corpo e sua imagem/identidade. Sofhia faz uso de hormônios para impetrar características naturalizadas historicamente como femininas, a cirurgia é seu próximo passo para uma satisfação completa e harmoniosa com seu corpo.

Tudo o que se distancia da concepção de masculino, branco e hétero se associa, de alguma forma, ao que está fora do padrão (LOURO, 2008, apud XAVIER, 2019, p. 03). Louro evidencia uma grande realidade estabelecida na sociedade que sobrepõe o gênero masculino ao feminino, a heterossexualidade sobre a homossexualidade, assim, a homotransfobia vai crescendo e ganhando inúmeros adeptos a essa brutal violência psicofísica.

Em muitos casos, na busca por uma aceitação desenfreada por parte de uma sociedade em sua maioria preconceituosa e desigual, muitas pessoas que se identificam como transexuais se submetem a procedimentos cirúrgicos para tentar diminuir visualmente as diferenças corporais do seu corpo para o corpo desejado. Sabemos que é um processo realizado para que haja uma satisfação pessoal, mesmo assim há vontade secundária de fazer essas “adequações” também para o outro, buscando se sentir parte de algo.

Os transexuais reivindicam um lugar e recorrem a ciência e ao direito para legitimar seu enunciado através da adequação corporal e do registro civil. Parecem demandar ao outro o reconhecimento enquanto homem ou mulher – como se o olhar do outro pudesse reiterá-los de uma falta irreparável (COUTINHO JORGE; TRAVASSOS, 2018, p. 59).

A forma de se sentir parte de um grupo social, ser aceito e ser reconhecido judicial e constitucionalmente faz com que a necessidade de mudar o próprio corpo seja importante para o bem-estar pessoal, com isso a cirurgia de redesignação sexual e os procedimentos de reposição hormonal estão cada vez mais requisitados pelo indivíduo transexual.

Questionada sobre como se sentia em relação a seu corpo, Sofhia rapidamente respondeu que não se incomoda com sua forma física atualmente, mas complementa: “*sinto vontade de mudar muita coisa ainda, quero colocar uma prótese e uma vagina com certeza!*” (SOFHIA, 2019). Fica nítido em sua fala que há uma vontade ou até mesmo um sonho de ser de fato do outro sexo e não apenas parecer.

A cirurgia de transgenitalização é uma decisão única e exclusiva da pessoa transexual, embora para se chegar de fato a sua realização é necessário um laudo médico atestando o indivíduo como transexual, junto disso a pessoa também passa por um

acompanhamento médico com uma equipe especializada contendo psicólogo, assistente social, psiquiatra entre outros, tudo isso por cerca de dois anos. Visa-se perceber se há uma continuidade da rejeição pelo sexo de seu nascimento, além do mais, a pessoa deve ter a idade mínima de 21 anos no qual é permitido o processo transexualizador.

A cirurgia de transgenitalização [...] é parte de um tratamento que pressupõe um autodiagnóstico e uma autoprescrição terapêutica, levando algumas pessoas que não se afinam com o seu sexo a identificarem-se com o diagnóstico de transexualidade. Fortalecidas pelos avanços da ciência, elas podem recusar o que acreditam ter sido um equívoco da natureza quanto ao seu sexo biológico, revelando que a anatomia não é suficiente para que o sujeito se posicione subjetivamente como homem ou mulher, mas, paradoxalmente, deve representar o seu “eu” (ELIAS, 2006, p. 30, apud TREVIZANI, 2018, p. 91).

Fazer a mudança de sexo é um dos sonhos de Sofhia, para isso, diante das burocracias que existem a jovem deve passar por este processo de triagem até chegar de fato ao momento cirúrgico. Mas, quando perguntada se fazia algum tipo de atendimento específico ou acompanhamento psicológico a jovem relata: *“Não, tem em Belém, eu fui, mas depois parei de ir, eu só cheguei a marcar a consulta, mas depois não voltei, não quis mais voltar”* (SOFHIA, 2019).

Por questões financeiras e de estudos Sofhia diz que surgem outras preocupações e prioridades que a fazem deixar para mais a diante a realização da cirurgia.

Todo esse processo de acompanhamento que antecede a cirurgia é realizado cuidadosamente para que a pessoa não entre num arrependimento profundo pós-cirúrgico. A procura pela mudança de sexo só aumentou com o passar dos anos, com isso o SUS (Sistema Único de Saúde) diminuiu as vagas para a realização da transição, devido também a esse aumento muitas pessoas trans não conseguem alcançar a tão sonhada cirurgia e essa realidade faz com que essas pessoas se automutilem, sofram e chegam a até tentar suicídio pelo desconforto do sexo de origem ser tão grande.

Enquanto algumas pessoas não alcançam a transição, outras, por outro lado, se arrependem de ter realizado a cirurgia. Hoje, assim como o número de pessoas querendo a cirurgia de transgenitalização aumentaram, cresceu também o número de pessoas que destransicionam, termo que se utiliza na ação de quem decide voltar a ter sua identidade de origem, a qual foi designada em seu nascimento.

Ainda é pouco visível e discutido o assunto ‘destransição’, até mesmo por haver uma certa vergonha por parte daqueles que se arrependem. O jornal “O Globo” publicou uma

reportagem em setembro de 2017, trazendo à tona a realidade de pessoas transexuais que destracionaram, em uma das entrevistas realizadas, uma pessoa relatou o seguinte:

Transicionei para me encontrar, mas isso me afastou de muita gente. Fui vista como ameaça e doeu muito. Percebi que ser homem trans acabaria me limitando, e traria consequências que talvez eu resolvesse de outra forma. Mas a gente nunca volta para o mesmo estado. Vamos para outro⁶ (O GLOBO, 2017).

Algumas pessoas relatam que mesmo depois das mudanças corporais o sentimento de angústia e desconhecimento do próprio corpo muitas vezes não muda o sentimento de “não pertencimento” só aumenta, assim como, o sofrimento psicológico e social.

“Não, não vou me arrepender, nunca! Queria um útero também, queria ter filhos” (SOFHIA, 2019). Vemos na fala da estudante que ao ser perguntada se há a possibilidade de arrepender-se depois que fizer a cirurgia, que não tem dúvidas sobre a decisão de um dia mudar. Com esse discurso percebemos também o desejo de ser mãe, que não se restringe somente a essa jovem transexual, mas é um desejo que faz parte das narrativas de várias pessoas trans, um desejo ou até mesmo um sonho que se perpetua durante toda a vida de alguém que biologicamente não pode gerar uma criança.

O que a maioria das pessoas transexuais quer é fugir de uma realidade excludente, homotransfóbica e preconceituosa, mas nem sempre mudar de sexo é a solução. Vemos isso no depoimento de uma jovem brasileira que no seu nascimento foi designada como menina e com o tempo se reconheceu menino, passando pela cirurgia de transgenitalização, diante disso, descreve.

Senti falta de mim. Meu corpo não é mais o mesmo. Isso é o que me deixa mais triste. Eu odeio o espelho. Odeio meu corpo agora muito mais do que antes porque não sinto que ele me pertença. Queria não ter mutilado meu corpo a esse ponto. Queria voltar no tempo⁷ (BLOGSPOT-YOYO, 2016, documento online sem paginação).

Independente do arrependimento, de destracionar, todas essas pessoas sofrem e por isso precisam de apoio, mesmo porque há vários motivos que levam essas pessoas a reverter a transição. A exclusão no próprio seio familiar, a exclusão por parte da população transgênera e a sociedade que é pouco acolhedora, afetam de forma negativa a vida dessas pessoas. Concordando com Souto e Arreguy (2017), quando citam a psicanalista Letícia Lanz, quando alegam que voltar atrás, procurar uma nova forma de se encontrar e se reconhecer,

⁶ Depoimento de Denise, de 24 anos, em entrevista concedida para o site “O Globo”.

⁷ Depoimento de uma jovem brasileira encontrado no site Blogspot-Yoyo.

mudando o caminho a ser percorrido e continuar a seguir a diante, é uma forma de se reinventar, começar novamente, pois, cada pessoa tem o direito a ser o que quiser ser, sem ter que viver com rótulos fixados pela sociedade que desde sempre tenta demonizar a população transexual.

Independente dos casos de arrependimento, Sofia tem firmeza em sua posição e não demonstra dúvidas sobre o seu desejo de realizar a cirurgia. Sua determinação impulsiona e encoraja outras pessoas transexuais a realizarem este aspecto que não o fazem por medo e muitas vezes por receio dos julgamentos de outras pessoas. Sofia está decidida e percebemos também seu desejo em se tornar mãe, mesmo que biologicamente essa vontade não se cumpra, mas afetivamente a jovem pode realizar seu desejo de gozar a maternidade, assim como todas as outras mulheres, sejam transexuais ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NÃO ERA PRA EXISTIR O PRECONCEITO, MAS POR ISSO PRECISA DAS LEIS”

Não era pra ter essas leis, era pra ser uma coisa normal, não era pra existir o preconceito, mas por isso precisa das leis (SOFHIA, 2019).

Ao iniciar esta pesquisa refletimos acerca das experiências transexuais vivenciadas pela aluna transexual durante seu processo de escolarização, bem como no contexto familiar desde a infância à adolescência. Com isso, refletimos perante as problemáticas de como se deu o processo da experiência transexual no contexto familiar durante a infância e adolescência da jovem Sofhia, e, quais foram as experiências vivenciadas pela aluna trans durante o seu processo de escolarização.

Diante dos objetivos e indagações propostos neste trabalho e considerando os dados obtidos através da entrevista realizada, chegamos à conclusão que a escola, a família e a sociedade estão carecidas de informação e educação sobre gênero, sexualidade e transexualidade, é preciso que haja mais mobilizações de formações sociais educativas para que a população pratique a conscientização que estamos deixando no passado.

A transexualidade é um tema que necessita de mais debate, em muitos espaços já se vê movimentos de luta em prol do reconhecimento da identidade transexual. No entanto, ainda precisamos alcançar voos mais altos quando se trata da falta de respeito que vemos em muitas situações envolvendo pessoas transexuais, é importante antes de tudo questionar a diferença percebida entre os sexos e problematizar a alta negação do reconhecimento das pessoas que se identificam com um gênero oposto ao que foi lhe atribuído, por grande parte das pessoas que vivem os padrões heteronormativos.

Essa discussão se torna amplamente necessária, visto que as pessoas transexuais contrariam as normas heterossexuais preestabelecidas de acordo com o sexo biológico dado desde o nascimento. Nesta pesquisa, foi realizada uma análise das experiências transexuais de uma mulher transexual que experimentou sua sexualidade num ambiente social ainda muito homogêneo, padronizado e que historicamente predomina a orientação heterossexual, dada como normal.

Diante das narrativas da aluna transexual Sofhia, percebemos que a discriminação, o preconceito e a violência contra pessoas transexuais ainda é muito grande, embora a jovem seja forte diante das situações corriqueiras do dia a dia, muitas pessoas transfóbicas

desrespeitam, ofendem, agridem e humilham muitas vezes sem haver uma penalidade por parte da justiça brasileira, como vemos em uma das falas de Sofhia “eu sei que hoje muitas trans são mortas, tu não vê muitas trans velhas, as pessoas são preconceituosas, dizem que respeitam, mas não querem ter na família, a vida de trans não é fácil não”.

Segundo a Agência Brasil, o nosso país é o que mais mata travestis e transexuais no mundo. Entre março de 2008 a março de 2014 foram 604 mortes no país. A pesquisa ainda aponta que a violência psicológica contra travestis e transexuais também lidera o ranking das denúncias realizadas pelo Disque 100. São inúmeros relatos de pessoas que não tem o seu nome social respeitado, seja por órgãos públicos ou mesmo dentro do seu círculo de amizade ou familiar. O não reconhecimento do gênero com o qual a pessoa se identifica causa problemas seríssimos, tais como a depressão, a síndrome do pânico e, em muitos casos, o suicídio (PRATA, 2018, p. 58).

O medo é característica constante na vida de pessoas trans, na vida de Sofhia não é diferente. Ainda que a estudante não aceite piadinhas transfóbicas e comentários discriminatórios por sua identidade de gênero ou sua orientação sexual, vemos que em suas narrativas o ambiente social ao qual rodeia a jovem vem se modificando aos poucos, alguns amigos e familiares entendem suas especificidades quanto ao seu gênero de identificação, mas ainda tem aquelas pessoas que não aceitam e não respeitam suas escolhas.

No contexto familiar compreendemos que mesmo tentando amenizar a forma como alguns parentes se referem a ela de acordo com o gênero que se identifica o termo “ele” ainda é utilizado por haver uma confusão no entendimento no processo de se acostumar com a nova identidade de Sofhia. Esta análise se reflete a partir das narrativas obtidas através das entrevistas realizadas.

As instituições escolares que Sofhia frequentou, mesmo com todas as tentativas e possibilidades para abordar o tema transexualidade pelo fato de circular neste ambiente uma aluna transexual, não aproveitaram as chances de promover formações que instiguem os demais alunos a refletirem sobre o respeito e reconhecimento que tanto se luta para conseguir durante todos esses anos. Sofhia tenta normalizar as formas de preconceito que sofre, numa tentativa de não demonstrar fraqueza diante das pessoas que lhes discriminam, percebemos com esta pesquisa que a maioria das pessoas transexuais reage desta forma, para talvez minimizar atos como esses que são frequentes nas experiências transexuais.

Desse modo, a presente pesquisa nos possibilitou através da entrevista e narrativas relacionadas a vida social, escolar e familiar da aluna trans, conhecer a ampla forma de se experimentar nossa sexualidade, dito isso, toda pessoa tem o direito de vivenciar sua

identidade e sexualidade da forma que se sente melhor representado socialmente e afetivamente.

Conferimos através das informações proporcionadas pela entrevistada que as políticas públicas são importantes para garantir e preservar os direitos conquistados pela população trans, mas que diante de sua fala percebemos que existe um sentimento de tristeza em sua voz por ter que existir leis para garantir respeito, liberdade de expressão e vida digna por conta de sua identidade e orientação sexual, o que é injusto na visão da jovem, pois as pessoas cisgêneras e heterossexuais não precisam lutar para ter reconhecimento de suas identidades que historicamente são respeitadas e reconhecidas socialmente e constitucionalmente.

Percebemos o quanto o preconceito, a discriminação e a violência afetam de forma negativa a vida dessas pessoas, deixando marcas que talvez nunca sejam esquecidas, precisamos entender e reconhecer que independente de nossa orientação sexual ou identidade de gênero que nos identificamos, todas as pessoas merecem respeito e condições sociais e culturais para viverem suas vidas sem medo de sofrer violência ao sair de casa ou não conseguir um emprego no mercado de trabalho que tanto discrimina e marginaliza a população trans.

Este trabalho nos proporcionou um olhar mais crítico e reflexivo diante desse tema tão complexo, principalmente no âmbito escolar que em muitos casos se eximem da responsabilidade de promover momentos de conscientização e debates para motivar o respeito aos colegas transexuais, para que estes não se sintam excluídos num ambiente em que buscam acolhimento e compreensão.

Destacamos ainda, que nós educadores precisamos ficar indignados diante de situações vexatórias com alunos trans e não permitir que este tipo de violência psicológica ocorra perante nossos olhares.

No decorrer dessa pesquisa as narrativas através das entrevistas foram ferramentas úteis para analisar as lutas de reconhecimento sobre a transexualidade. A identidade transexual de Sofhia foi essencial para pensar a escola em seu contexto educacional e a experiência transexual vivida por essa mulher de forma tão resistente e imponderada.

No tocante a experiência transexual de Sofhia, durante sua vida escolar, familiar e social evidencia-se processos de exclusão medianos, pois a estudante naturalizou muitas atitudes e comportamentos transfóbicos em decorrência de sua identidade. Há a aspiração de que um dia o preconceito não exista, para que a transexualidade seja uma identidade normalizada como a heterossexual, mas de acordo com as falas da jovem e as pesquisas

realizadas vemos o quanto o preconceito está enraizado nessa sociedade, e que por isso, como diz Sofhia, as leis são necessárias.

Portanto, a partir das narrativas de Sofhia pude compreender que as identidades não são fixadas em um indivíduo, ou seja, elas transitam diante do processo das experiências transexuais. Desse modo, vemos que muito se tem avançado neste campo de estudo, mas fica evidente que há uma demanda de formação educacional e social sobre o respectivo tema no município de Acará. É importante destacar que esta pesquisa muito contribuiu para minha formação profissional como pesquisadora e anseio que contribua também com as escolas do município promovendo reflexões sobre o reconhecimento constitucional e o pensar na presença da pessoa transexual em todos os espaços sociais, culturais, educacionais e familiares que são seus por direito de luta e resistência.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Nívia Valença *et all.* **Gênero, diversidade sexual e direitos sociais.** Icaraí, Niterói, RJ: Eduff, 2018. 107 p.
- BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola. **Revista Espaço Acadêmico.** v. 11 n. 123, agosto de 2011.
- BRASIL. Secretaria Geral. **Decreto Nº 8.727, de 28 de abril de 2016.** Presidência da República Secretaria-Geral. Abril, 2016.
- BRASIL. Casa Civil. **LEI Nº 9.708, de 18 de novembro de 1998.** Presidência da República. Casa Civil. Novembro, 1998.
- BRASIL. Casa Civil. **LEI Nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973.** Presidência da República. Casa Civil. Novembro, 1973.
- COSTA, Antonio Cláudio Ribeiro da; BITTENCOURT, Luciana G. Gênero, diversidade sexual e mídia. *In:* BARROS, Nívia Valença *et all.* **Gênero, diversidade sexual e direitos sociais:** Debates preliminares. Icaraí, Niterói, RJ. Eduff, 2018. p.45-55
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** A vontade de saber. 13º ed. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1988. 77 p.
- FRANCO, A. G. M.; BAHIA, M. Homotransfobia e os desafios à (re) construção do direito a partir da diversidade. *In:* DESLANDES, Keila (Coord.). **Homotransfobia e direitos sexuais:** Debates e embates contemporâneos. Autêntica, 2018.
- GARCIA, Luiz; MARIN, Michelly. Do que elas têm medo? Uma discussão de gênero, violência e ódio. *In:* DESLANDES, Keila (Coord.). **Homotransfobia e direitos sexuais:** Debates e embates contemporâneos. Autêntica, 2018, p. 75-88.
- JESUS, Jaqueline. **Crianças trans:** memórias e desafios teóricos. III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Universidade do Estado da Bahia. Campus I. Salvador/BA. 15 a 17 de Maio de 2013.
- JORGE, Monica; BARROS, Nivia. Reflexões sobre repressão e controle contra a população trans – transexual e transgênero. *In:* BARROS, Nivia Valença *et all.* **Gênero, diversidade sexual e direitos sociais:** Debates preliminares. Icaraí, Niterói, RJ. Eduff, 2018. p.74-91
- JORGE, Coutinho; TRAVASSOS, Natália. **Transexualidade:** o corpo entre o sujeito e a ciência. Zahar, 2018.
- LANZ, Letícia. **Movimento transgênero.** Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/transgente/permalink/837321766346918/>. Acesso em: 20 maio de 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). Pedagogias da Sexualidade. *In:* LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Editoração eletrônica: Waldênia Alvarenga Santos Ataíde. 2000, p. 07-34
- MIOTO, Regina. **Família, trabalho com famílias e serviço social.** Palestra. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Serv. Soc. Ver. V 12, n 2, 2010, p. 163-176.

- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A pesquisa narrativa: uma introdução**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, n. 2, 2008.
- PEREIRA, Silvero. **BR-Trans**. 2º ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.
- PRATA, Marcelo. Gênero, orientação sexual e diversidade sexual. *In*: BARROS, Nivia Valença *et all*. **Gênero, diversidade sexual e direitos sociais: Debates preliminares**. Icaraí, Niterói, RJ. Eduff, 2018. p. 56-62.
- REI, T. (org.). **Manual de comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.
- RIOS, Roger. Direitos sexuais: orientação sexual e identidade de gênero no direito brasileiro. *In*: DESLANDES, Keila (Coord.). **Homotransfobia e direitos sexuais: Debates e embates contemporâneos**. Autêntica, 2018, p. 131-168.
- SANTOS, Dayana. **Cartografias da transexualidade: a experiência escolar de outras tramas**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2010.
- SOUZA, Leonardo Lemos *et all* (Orgs.). **Gênero, corpo e @tivismos**. EdUFMT, Universidade Federal de Mato Grosso, 2012.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **Pesquisa narrativa, (auto) biografias e história oral: ensino, pesquisa e formação em Educação Matemática**. Ciências Humanas e Sociais em revista, v. 32, n. 2, p. 13-27, 2010.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995. pp. 71-99.
- SILVA, Josenilda Maria Maués. Pesquisa e ensino no trabalho com narrativas. **Revista @mbiente educação**, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Flávio Antônio (Org.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. Trad. Maria Aparecida Baptista. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2000.
- SILVA, Fernando; MAIO, Eliane. Sobre vulnerabilidade escolar de estudantes trans. **Rev. Diversidade e Educação**, v. 5, n. 1, p. 24-31, jan./jun. 2017.
- TOSTA, André Luiz Zanao; DALTIO, Darcy Anderson. **Currículos, Gêneros e Sexualidades: Experiências Misturadas e Compartilhadas**. Vitória. ES: Edufes. 2013.
- TREVIZANI, Giovanna. Meu Corpo, Minhas Regras: A Transexualidade sob a Luz Do Direito Constitucional e as Lacunas no Estado Democrático de Direito. *In*: DESLANDES, Keila. **Homotransfobia e direitos sexuais: Debates e embates contemporâneos**. Autêntica, 2018, p. 89-102.
- VECCHIATTI, Paulo. Apresentação. *In*: DESLANDES, Keila (Coord.). **Homotransfobia e direitos sexuais: Debates e embates contemporâneos**. Autêntica, 2018, p. 15-30.
- YOYO. **Senti minha falta**. Terça- feira, 15 de novembro de 2016. Disponível em: <http://yoyo-sah.blogspot.com/2016/11/senti-minha-falta.html?m=1> Acesso em: 25/10/2019.
- XAVIER, Gláucia. **Transexualidade no Ensino Médio desafios e possibilidades**. Instituto Federal de Minas Gerais. Vol 05, N. 01, Jan.-Mar., 2019

O GLOBO. **As histórias de homens e mulheres que mudaram de gênero e, depois voltaram atrás**, reportagem de Luiza Souto e Juliana Arreguy. O Globo, 3 de set 2017. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/conheca-historia-de-homens-mulheres-que-mudaram-de-genero-depois-voltaram-atras-21777549> Acessado em 18 set 2019.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada (EVELYN SOFHIA)

Nº	Pergunta
01	Sofhia fale um pouco de você. Quem é Sofhia?
02	Como foi sua infância? E seu ingresso na Escola como foi?
03	Como Você reconhece sua identidade de gênero e sexualidade?
04	Você alguma vez se sentiu pressionada a esconder a sua orientação sexual? E sua família? Sempre te apoiou na escolha da sua orientação sexual?
05	Você tem a sensação da falta de completude relacionada a uma parte do corpo (seios, genitálias, etc.) ou se sente bem do jeito que está?
06	Com quantos anos começou a sua transição corporal? E teve um motivo específico para fazer?
07	Como surgiu seu nome social e como foi à aceitação da sua família? E por parte dos seus amigos? As outras pessoas que convivem com você, como foi para elas? Você percebeu alguma indiferença?
08	A partir das suas mudanças corporais teve alguma mudança na relação com a comunidade escolar (professores e alunos)?
09	Possui algum tipo de atendimento específico como tratamento hormonal ou acompanhamento psicológico?
10	Ao longo de sua vida escolar, como você lidou com o preconceito dentro da escola? Ainda acontece muito?
11	Você sente dificuldades na procura de trabalho? Sofre muita discriminação por ser transexual?
12	Para você como é o uso de certos lugares como: banheiros públicos e em ambientes privados? Tem alguma dificuldade? Se pode usar o feminino normal?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO DA ENTREVISTADA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ilustríssimo/a Srta. Evelyn Sofhia Costa da Silva,

Pesquisas sobre **Gênero, Sexualidade e Educação** têm sido desenvolvidas na Universidade Federal do Pará, na Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS) sob Orientação da Profª. Drª. Vilma Nonato de Bricio, visando compreender a construção da identidade no ambiente escolar para que os futuros educadores/as promovam de forma crítica a discussão da temática no ambiente escolar.

A pesquisa intitulada provisoriamente como “Aluna transgênero na escola: corpo, práticas pedagógicas e relações sociais” a investigação é parte substancial do trabalho de conclusão de curso da discente Joicy Cardoso da Silva, devidamente matriculada nesta instituição de ensino. Deste modo, solicitamos a colaboração de Evelyn Sofhia Costa da Silva, para fornecer entrevista sobre o referido tema.

Esclarecemos, ainda, que os dados e resultados da pesquisa serão confidenciais, mantidos com a pesquisadora e a identidade do sujeito da pesquisa não será revelada na divulgação do trabalho em reuniões científicas, publicações e nas aulas de disciplinas. Se houver necessidade de **identificar** o sujeito será utilizado um nome fictício para a identificação do mesmo, mantidas as condições de sigilo.

Deste modo, solicitamos de Vossa senhoria a autorização para a realização da presente pesquisa/entrevista. Você tem todo o direito de não autorizar e, em qualquer momento da pesquisa, interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação ou represália, devendo somente avisar a pesquisadora da sua desistência.

Pesquisadora responsável: Joicy Cardoso da Silva

Endereço: TV. Itapecuru, Alegria, 79

Fone: (91) 99616-5837

Orientadora: Vilma Nonato de Bricio

Endereço: Av. Magalhães Barata, 1050

Fone: (91) 98364-3677

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que autorizo a realização da pesquisa/entrevista Evelyn Sophia Costa da Silva.

Abaetetuba, 22 de setembro de 2019.

Evelyn Sophia Costa da Silva
Assinatura do (a) participante

Rua Manoel de Abreu s/n.º - Mutirão - CEP: 68440-000 - Abaetetuba -Pará
Fone/Fax: (91) 3751-1107